



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**YOHANA TÔRRES MONTEIRO**

**O “FORRÓ DOS VELHOS” E AS RECONFIGURAÇÕES DO LAZER EM TEMPOS  
DE PANDEMIA: UM ESTUDO SOBRE GÊNERO, VELHICE E SOCIABILIDADE**

**FORTALEZA**

**2021**

YOHANA TÔRRES MONTEIRO

O “FORRÓ DOS VELHOS” E AS RECONFIGURAÇÕES DO LAZER EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ESTUDO SOBRE GÊNERO, VELHICE E SOCIABILIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Diversidades Culturais, estudos de Gênero e processos identitários.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- M78" Monteiro, Yohana Tôres.  
O "Forró dos Velhos" e as reconfigurações do lazer em tempos de pandemia: Um estudo sobre gênero, velhice e sociabilidade / Yohana Tôres Monteiro. – 2021.  
96 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2021.  
Orientação: Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva .
1. Envelhecimento Feminino. 2. Sociabilidade. 3. Forró dos Velhos. 4. Pandemia. I. Título.

CDD 301

---

YOHANA TÔRRES MONTEIRO

**O “FORRÓ DOS VELHOS” E AS RECONFIGURAÇÕES DO LAZER EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ESTUDO SOBRE GÊNERO, VELHICE E SOCIABILIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Sociologia.

Aprovada em: 29 de julho de 2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Antônio Cristian Saraiva Paiva (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Monalisa Soares Lopes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquita  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Profa. Dra. Maria Rosângela de Souza  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

À minha família,  
base da minha existência.

## AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu e me dá forças todos os dias para correr atrás daquilo que eu acredito e sonho. Sem ti senhor, eu não seria capaz.

A minha mãe, Marlene Tôrres, por jamais desistir de mim e me ensinar que o estudo era a minha saída e a minha independência desse mundo patriarcal e machista. De me ensinar que seria pelo estudo que eu poderia voar e me libertar das amarras sociais. Apesar de seu jeito duro e forte, o que não se pode esperar menos de uma mulher negra e nordestina do interior. Você me ensinou tudo que eu sei mãe, apesar de ter chegado apenas a quarta série, você é a minha maior inspiração em tudo. Apesar de suas limitações, você está sempre me ensinando a não parar de correr atrás dos meus sonhos. Um dia quero te dar uma vida melhor. Eu te amo.

Ao meu pai, Jozafá Monteiro, que me ensinou a ser forte no que acredito, que me ensinou a correr atrás de qualquer coisa. Pai, eu aprendi tanto contigo. A sua honestidade, a sua garra, a sua determinação, a sua humildade, a sua história, a sua paciência. Você me inspira em ser exatamente quem é.

Ao meu irmão, Luyan Tôrres, que eu não tenho nem palavras para descrever a nossa relação. Parece que somos irmãos gêmeos. Obrigada por tanto, obrigada por estar sempre ao meu lado, me apoiando, me aconselhando.

Ao meu orientador, Cristian Paiva, por aceitar o meu convite de me orientar. Lhe admiro demais, não vou negar que fiquei bastante surpresa quando na primeira reunião do NUSS, o senhor falou o meu nome e a minha pesquisa, fiquei ainda mais encantada pela pessoa que és. Um ótimo professor, um ótimo pesquisador e um ótimo orientador.

A minha banca riquíssima, nas pessoas de Monalisa Soares Lopes, Paula Fabrícia Brandão e Rosângela de Sousa, o meu muito obrigado por fazerem parte desse momento e por todas as indicações, conselhos e contribuições.

A todos os professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

Ao setor administrativo da Pós-Graduação em Sociologia, especialmente, Socorro e Lorena, que muito me ajudaram tirando todas as minhas dúvidas, o que eu sei que não foram poucas, porque pense em uma pessoa para ligar para a secretária! Vocês são maravilhosas.

Aos funcionários do CH3, que muitas vezes enquanto eu esperava o ônibus de Cascavel me faziam companhia nos corredores, vocês são uns fofos.

As mulheres que entrevistei nessa pesquisa por serem atenciosas comigo.

Ao Nutep, na pessoa da Angélica, que fez os meus dias mais leves nesse espaço de muito aprendizado e conhecimento.

A Associação Estação da Luz, nas pessoas de Karine Cordeiro, Luziane Firmino, Grazielle Ferreira, Bianca Alves, Luiza Teixeira, Eliana Barbosa, Anderson Silva, Renata Elba, Davi Lobo. Eles fizeram os meus dias na Estação, ter um brilho que jamais esquecerei na vida, foram bem mais do que colegas, os levarei para sempre guardadinhos no meu coração.

A CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

“Sonho que se sonha sozinho é só um sonho. Sonho que se sonha junto é uma realidade”. (Raul Seixas)

Muito obrigada!

“O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu.”

(GEERTZ, 1989, p. 15).



## RESUMO

O problema sociológico a ser investigado é a vivência em tempos de pandemia das mulheres velhas participantes do “fórró dos velhos” em Cascavel/CE, cujo recorte foi um grupo de mulheres de idade entre 71 e 79 anos, que frequentam este fórró. Têm-se como hipóteses analíticas: Primeiro, que ocorreu uma mudança no modo de vida das mulheres velhas na contemporaneidade e, segundo, que as mulheres estão tendo mais liberdade no seu processo de envelhecimento no século XXI. No referencial teórico teremos autores tais como Beauvoir (1990); Butler (2012); Camarano (2012); Debert (1999); Menezes (2012); Mesquita (2014); Motta (1999); Rocha (2015); dentre outros. Esta dissertação relaciona três categorias de análise: “velhice”, “gênero” e “sociabilidade” que serão analisadas através do “fórró dos velhos” em Cascavel, Ceará. A pesquisa, em questão, ocorreu entre os meses de janeiro de 2020 a julho de 2021. A metodologia foi qualitativa. A técnica escolhida para a coleta de dados foi entrevista semi-estruturada através de ligações telefônicas via WhatsApp, encontros presenciais e observação de campo. A coleta de dados revelou como o fórró dos velhos é importante para a socialização dessas mulheres e o quanto a pandemia teve um grande impacto em suas vidas afetando o cotidiano destas mulheres. O principal achado foi que o envelhecimento feminino no século XXI está se desvendando de uma nova forma, ou seja, estas mulheres reivindicam autonomia e liberdade em seus percursos biográficos, demanda jamais imaginada antes. Nesse sentido, esse trabalho questionou os papéis sociais historicamente destinados a elas e aos seus, supostamente no âmbito privado. Elas são mulheres das classes populares, de baixa escolaridade e utilizam esse espaço da cidade como uma das únicas formas de lazer possíveis, e ali rompem tabus e valores, que pareciam cristalizados nos seus cotidianos. A pesquisa também descreve as experiências de resignificação do lazer que os sujeitos estão enfrentando durante esse período de COVID-19.

Palavras-chave: envelhecimento feminino; sociabilidade; fórró dos velhos; pandemia.

## ABSTRACT

The sociological problem to be investigated is the experience in times of pandemic of older women participating in the “farró dos Velhos” in Cascavel/CE, whose cut was a group of women aged between 71 and 79 years old, who attend this farró. The analytical hypotheses are: First, that there has been a change in the way of life of older women in contemporary times and, second, that women are having more freedom in their aging process in the 21st century. In the theoretical framework we will have authors such as Beauvoir (1990); Butler (2012); Camarano (2012); Debert (1999); Menezes (2012); Mesquita (2014); Motta (1999); Rocha (2015); among others. This dissertation lists three categories of analysis: “old age”, “gender” and “sociability” which will be analyzed through the “farró dos Velhos” in Cascavel, Ceará. The research in question took place between January 2020 and July 2021. The methodology was qualitative. The technique chosen for data collection was a semi-structured interview through phone calls via whatsapp, face-to-face meetings and field observation. Data collection revealed how *farró for Majors* is important for the socialization of these women and how the pandemic had a great impact on their lives, affecting the daily lives of these women. The main finding was that female aging in the 21st century is unfolding in a new way, that is, these women claim autonomy and freedom in their biographical paths, a demand never imagined before. In this sense, this work questioned the social roles historically assigned to them and theirs, supposedly in the private sphere. They are women from the popular classes, with low education and use this space in the city as one of the only possible forms of leisure, and there they break taboos and values, which seemed to be crystallized in their daily lives. The research also describes the experiences of reconfiguration of leisure that the subjects are facing during this period of COVID-19.

Keywords: female aging; sociability; *farró for the elderly*; pandemics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Forró dos velhos.....	57
Figura 2	Fachada da quadra.....	57
Figura 3	Quadra.....	58
Figura 4	Forró dos velhos.....	58
Figura 5	Forró dos velhos.....	59
Figura 6	Notícia da Gazeta.....	60
Figura 7	Palavras mais mencionadas por idosos no contexto de pandemia.....	62
Figura 8	Exemplos de memes.....	72

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CF	Constituição Federal
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado da Assistência Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social, Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993
OMS	Organização Mundial de Saúde
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
SUS	Sistema Único de Saúde

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>TRILHAS METODOLÓGICAS.....</b>	<b>23</b>
<b>2.1</b>	<b>Campo.....</b>	<b>26</b>
<b>2.2</b>	<b><i>Metodologia</i>.....</b>	<b>27</b>
<b>3</b>	<b>VELHICE E GÊNERO: AS MUDANÇAS NO ENVELHECIMENTO.....</b>	<b>30</b>
<b>3.1</b>	<b>Envelhecer e ser mulher.....</b>	<b>30</b>
<b>3.2</b>	<b><i>Os diferentes olhares sobre a velhice</i>.....</b>	<b>34</b>
<b>3.3</b>	<b><i>A vivência da sexualidade na velhice: um tabu?</i>.....</b>	<b>47</b>
<b>4</b>	<b>SOCIABILIDADES NO FORRÓ DOS VELHOS.....</b>	<b>52</b>
<b>5</b>	<b>RECONFIGURAÇÕES DO LAZER EM TEMPOS DE PANDEMIA.....</b>	<b>60</b>
<b>5.1</b>	<b>Do forró a casa.....</b>	<b>63</b>
<b>5.2</b>	<b><i>A felicidade no contexto de pandemia</i>.....</b>	<b>68</b>
<b>5.3</b>	<b><i>Velhos e memes</i>.....</b>	<b>70</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>75</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>77</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>91</b>
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>92</b>
	<b>APÊNDICE B- TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM DO ESPAÇO.....</b>	<b>96</b>
	<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO.....</b>	<b>96</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação pretende compreender formas de sociabilidade, comportamentos, modo de vida de um grupo de mulheres em processo de envelhecimento que frequentam o “farró dos velhos”<sup>1</sup> em Cascavel-Ceará e entender como a pandemia impactou a vida destas mulheres.

Buscarei responder os seguintes objetivos: Como se dá o processo do envelhecimento feminino, tendo como foco um grupo de mulheres frequentadoras de festas de farró em Cascavel-CE?; Como os papéis sociais de gênero se revelam no cotidiano da vida dessas mulheres? Como está sendo o processo de ressignificação do lazer no contexto de pandemia?

Busco pesquisar acerca do envelhecimento feminino na contemporaneidade, pois percebe-se que, se comparado ao masculino, o processo de envelhecimento feminino tem e terá um grande diferencial. Procuro apreender como essas mulheres em processo de envelhecimento se percebem com relação a usufruir a liberdade após os 60. Destaco a liberdade de irem ao farró sem estarem acompanhadas por seus companheiros e/ou filhos, a autonomia dos seus gastos financeiros, a firmeza de suas escolhas, a vivência de sua sexualidade e vários outros fatores que abordarei no percurso desse trabalho.

A escolha por essa fase da vida se deu mediante a fala de um amigo da família, com 70 anos, que falou que homem tem que ser “macho”, namorador, forte e trabalhador nessa idade também; e restaram dúvidas de como uma mulher com idade igual ou superior aos 60 anos identifica-se, como ela se reconhece e o que ela aprende sobre ser mulher nessa fase da vida. E, foi frequentando o “farró dos velhos” com a minha mãe quando mais nova, que pude perceber que as mulheres velhas também namoram, se divertem e paqueram. Isso rompeu com a visão que tinha das avós, presas ao âmbito familiar, ao cuidado dos netos e a vivência do luto eterno depois que ficam viúvas, fazendo com que aumentasse o interesse em realizar esta pesquisa

---

<sup>1</sup> Farró localizado em Cascavel-CE, CEP: 62850-000, realizado mensalmente no primeiro domingo do mês. É dedicado para pessoas com mais de 60 anos, porém abrange também outras faixas etárias, conseguindo atrair um público de duzentas pessoas, entre dançantes e não-dançantes, com músicas no estilo pé-de-serra. Ele ficou conhecido por “farró dos velhos” devido ao seu público ser em sua maioria pessoas mais velhas. Realizado por iniciativa privada pelo dono da quadra que tem 94 anos. No capítulo 2 irei me deter de forma mais aprofundada acerca do município e do farró, ver página 23.

A escolha de um tema advém de nossas experiências no meio que estamos inseridos(as), que nos causa incômodo e/ou estranhamento, e que, conseqüentemente, buscamos compreender de forma mais clara e objetiva essa realidade social que vivenciamos.

O espaço selecionado para a realização da pesquisa foi o “fórró dos velhos” localizado na cidade de Cascavel-CE, na Rua Alfredo de Castro, 2261. A escolha pela cidade deu-se pelo afastamento das metrópoles, na tentativa de estudar o interior, onde a população apresenta um forte conservadorismo, seja na cultura, educação ou no cotidiano. Pretendo, portanto, entender como acontece a socialização dessas mulheres na cidade do interior, pela observação *in loco* nesse espaço.

Gonçalves e Melo (2009) relacionam o desenvolvimento das cidades com o crescimento do fenômeno lazer e de fato, isso se confirma na história, em contrapartida, para Cascavel, o lazer para os velhos ainda está em processo de estruturação na cidade.

As únicas atividades focadas para esse segmento populacional na cidade são o fórró que é o foco desta pesquisa e os grupos de convivência prestados pelo Centro de Referência de Assistência Social. Mas vocês devem estar se questionando acerca das praças que são espaços de socialização também no interior, contudo esses espaços não são mais ocupados pela população, como abordado pelos relatos dos moradores do local devido a violência urbana.

A insegurança não são sentimentos sentidos e vivenciados apenas nos grandes centros urbanos, está já chegou nas pequenas comunidades também. Em Cascavel, não se pode ficar mais nas calçadas à noite que eram práticas comuns em qualquer interior do estado. Não se pode ficar nas praças com as crianças brincando devido ao grande número de assaltos que se tem diariamente. Às vezes, não se pode nem ficar em casa, porque já estão invadindo estas e fazendo os donos de refém, a pesquisadora deste trabalho, já foi feita de refém em sua propriedade.

Essa pesquisa destinou-se a analisar as histórias de mulheres velhas com idade igual ou superior a 60 anos, com histórias diversas que serão trazidas e discutidas no decorrer do trabalho. Elas moram em Guanacés-CE, um pequeno distrito de Cascavel. Nesse trabalho, eu as chamarei de: Clara, 78 anos, parda; Lis, 72 anos, branca; Mel, 79 anos, parda; Raimunda, 80 anos, branca e Célia, 71 anos,

branca. A maioria cursou até o ensino fundamental, apenas Raimunda é analfabeta; todas oriundas da classe trabalhadora. Ver páginas 24 e 25, o qual irei detalhar melhor acerca delas.

Estas cinco mulheres velhas que são solteiras, divorciadas e viúvas têm em comum a participação no forró dos velhos, escolhidas inicialmente em 2018 através de indicações feitas durante as entrevistas; com exceção da minha primeira entrevistada, que escolhi por ser mais próxima, pensando ser mais “fácil” ter o primeiro contato, devido a ela ter feito alguns trabalhos para mim.

Têm-se como hipóteses analíticas: Primeiro, que ocorreu uma mudança no modo de vida das mulheres velhas na contemporaneidade e, segundo, que as mulheres velhas estão tendo mais liberdade de vivenciar a sua sexualidade no século XXI. No referencial teórico teremos autores tais como Beauvoir (1990); Butler (2012); Camarano (2012); Debert (1999); Menezes (2012); Mesquita (2014); Motta (1999); Rocha (2015); dentre outros. Esta dissertação relaciona quatro categorias de análise: “velhice”, “gênero” e “sociabilidade” que serão analisadas através do “forró dos velhos” em Cascavel, Ceará.

O espaço do forró é pensado aqui como espaço de sociabilidade, tal como apontado por Simmel (2006, p. 65), como “(...) forma lúdica de associação”. No qual, Alves (2006) traz que essas mulheres se realizam pessoalmente, construindo uma identidade como mulher fora da esfera doméstica, de modo que, pela primeira vez em suas vidas, elas têm “a manutenção de uma vida ativa na velhice significa poder viver o que lhes foi negado no passado” (p. 112). Norbert Elias (1994) é outro pilar teórico da pesquisa, de quem traz o conceito de “atividades miméticas”, considerando que ações como o cinema e a dança possibilitam viver emoções fortes em público.

O envelhecimento da população mundial é um fenômeno do século XXI. E se deve a alguns fatores como o avanço da medicina, as inovações tecnológicas, a conquista da seguridade social, entre outros pontos que permitiu que velhos de baixo poder aquisitivo passassem a ter acesso a serviços de saúde, assistência e previdência social.

Devido às mudanças demográficas que ocorreram nos últimos anos, que se iniciam a partir das décadas de 1940 e 1960, que incluem a queda da mortalidade infantil e da natalidade, o Brasil passa por um fenômeno conhecido como o



envelhecimento populacional. Neste cenário de maior longevidade das pessoas velhas, teremos novos desafios e necessidades para a melhoria na qualidade de vida dessa população. A necessidade de legislação específica que der suporte as exigências cada vez mais diversificadas.

O envelhecimento é um processo natural que é acompanhado por diversas mudanças físicas, biológicas e psicológicas. É uma fase de diminuição da plasticidade, aumento da vulnerabilidade, perdas emocionais constantes e aumento da probabilidade da morte (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016).

No Brasil, o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2013), instituído em 2003, é fruto da mobilização e organização popular. Nele, pessoas acima de 60 anos são consideradas idosas. Além disso, ele foi criado para garantir os direitos das pessoas idosas para a criação de políticas e aparelhos públicos que possam atender a demanda dessa população, impedindo o abandono, isolamento e desrespeito de direitos básicos.

As mulheres, em destaque as brasileiras, são associadas a um modelo feminino ligado ao casamento e à maternidade. O casamento é visto como um objetivo maior, sinônimo de realização. Entretanto, isso começa a mudar no século XX, com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, estas começam a mudar seus próprios destinos. (CARDOSO apud SOCORRO; DIAS, 2010).

O meu primeiro contato com mulheres velhas em 2018 permitiu-me, enquanto pesquisadora, observar no cotidiano as diferentes formas do envelhecimento feminino no século XXI. Elas levantaram questões como o divórcio, os filhos, a sexualidade, a viuvez. Sendo este último ponto citado, um momento de reinvenção de si mesma, como aponta Bowlby (1998 apud SUZUKI; FALCÃO, 2010). Era bastante comum em minha escuta nas entrevistas, elas dizerem “eu não imaginava estar vivendo a velhice assim”, pois foi após a morte do esposo ou do divórcio que elas passaram a viver novos padrões de vida.

As mulheres durante a sua vida, a maioria, sempre são vítimas de preconceitos sexistas, pelo sexo oposto e durante a velhice não será diferente, estas agora sofrerão preconceito por serem mulheres e também por serem velhas agora. Além também do preconceito intrafamiliar. (ALMEIDA; PATRIOTA, 2009)

Pensando nestas questões, essa pesquisa se propôs a questionar a sociabilidade das mulheres velhas no Forró dos Velhos em Cascavel-Ce a partir das

inquietações que emergiram desde a pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Serviço Social na Universidade Estadual do Ceará em 2018.

Acerca da pesquisa de campo, ressalto que nesse trabalho vocês irão encontrar mulheres que se veem como donas de si, independentes, empoderadas e que têm autonomia acerca de suas escolhas de ir e vir.

São muitas as pesquisas que tratam de mulheres velhas, sociabilidade e sexualidade com as de Alda Britto da Mota, Guita Debert, Miriam Barros, Clarice Peixoto, Rosângela Souza, Francisca Denise Cordeiro, Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquita, etc. Pretende-se, portanto, que esta pesquisa possa deixar registradas as trajetórias de vida para compreender um pouco como estas mulheres foram organizando as suas vidas e as suas sexualidades.

O surgimento da COVID-19<sup>2</sup> no mundo, que foi identificado em 31 de dezembro de 2019 em Wuhan na China e com a determinação, em seguida, da Pandemia Mundial que foi declarada no dia 11 de março de 2020, impôs mudanças profundas na trajetória dessa pesquisa, que teve um curso diferente da pretensão inicial e agora abordará também o impacto da primeira pandemia do século XXI na vida dessas mulheres velhas.

O vírus foi designado como Coronavírus-19 que causa a doença COVID-19 e observa-se, que dentre os grupos de maior mortalidade, encontram-se os velhos acima de 60 anos. (OLIVEIRA et.al., 2020). O primeiro caso de COVID-19 no Brasil foi em 25 de fevereiro de 2020, quando o Ministério da Saúde do Brasil confirmou o primeiro caso da doença, um homem brasileiro, de 61 anos, que viajou de 9 a 20 de fevereiro de 2020 para a Lombardia, norte da Itália, que naquela ocasião estava passando por um surto da doença (LIMA, *et al.*, 2020).

Até o dia de 22 de junho de 2021, mais de um ano depois do primeiro caso notificado no Brasil, já temos 18.587.001 casos confirmados e 5000.000 mortes causadas pela COVID-19. No Brasil morre 11,05 por milhão em 10 de março de 2021, com 2349 mortes registradas em 24 horas. (BRASIL, 2021).

A transmissão ocorre de pessoa para pessoa pelo contato direto ou por partículas espalhadas pela tosse ou espirro de um indivíduo infectado (ALVES,

---

<sup>2</sup> COVID 19 é uma doença causada pelo novo coronavírus. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o surto dessa doença constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia.

2020). Dessa forma, o combate à disseminação da COVID-19 preconiza a utilização de máscara em ambientes públicos, lavar as mãos frequentemente, evitar abraços, beijos e apertos de mãos e adotar medidas de afastamento social, como quarentena. (LIMA, *et al.*, 2020).

As estatísticas dos meses de março a agosto de 2020 mostraram que pacientes entre 60-70 anos têm uma probabilidade de 0,4% de morrer; aqueles com idades entre 70 e 80 anos têm 1,3%; e os com mais de 80 anos, de 3,6%. A Itália enfrentou um surto que resultou em 83% dos que sucumbiram à infecção pela Covid-19 tinham mais de 60 anos de idade (OLIVEIRA *et.al.*, 2020).

No ano de 2020, no mundo, há 1,1 bilhão de idosos, com projeções de até 3,1 bilhões em 2100. O Brasil apresenta 29,9 milhões em 2020 e previsão de 72,4 milhões em 2100. Contudo, com os dados da COVID-19 que apontam maior taxa de mortalidade entre as pessoas velhas, reforça-se uma apreensão com esse segmento (HAMMERSCHMIDT; SANTANA, 2020). Devido ao maior risco que correm os velhos a hospitalização e a mortalidade, o distanciamento social adquire caráter essencial para a redução da disseminação do vírus pelo coletivo e vem sendo adotado mundialmente pelos países. (ETARD; VANHEMS; DUAULT; ECOCHARD, 2020).

As medidas de proteção de proteção com as pessoas velhas tornaram-se ações positivas de organização de serviços e com bons resultados demonstrados pelas experiências no mundo todo. Contudo, reforçaram os preconceitos da sociedade por meio de criação e circulação “de diversos vídeos, imagens, frases, músicas, com exposição dos idosos e supervalorização de características eminentemente negativas.” (HAMMERSCHMIDT; SANTANA, 2020, p.4).

Como podemos destacar o emblemático caso brasileiro do “*carro do cata véio*”, que, além do ageísmo, evidencia a dificuldade dos idosos cumprirem o distanciamento social, [...] afetaram as relações familiares, com conflitos intergeracionais, principalmente devido às medidas adotadas pelos familiares.” (HAMMERSCHMIDT; SANTANA, 2020, p.4). Voltaremos a este ponto no capítulo 5, ver página 74. A pandemia produzida pela propagação da COVID-19 provocou mudanças abruptas na organização e rotinas da vida cotidiana, no funcionamento das instituições e nos serviços de saúde, na economia, no mundo do trabalho, da diversão e do lazer, nas práticas educacionais. (CORREA; JUSTO, 2021).

Os anos de 2020 e 2021 foram e estão sendo atípicos na vida de milhões de pessoas. A pandemia da Covid-19 gerou restrições ao deslocamento de trabalhadores, estudantes, consumidores o que impactou diretamente nas atividades diárias e nas interações pessoais (PREMEBIDA, 2021).

Com o distanciamento social e a saída de casa somente para o necessário, as pessoas aprenderam a fazer os seus pedidos pela internet como solicitar comida *delivery* por meio de aplicativos, pagar boletos, transferir dinheiro, fazer PIX no ambiente digital, tudo isso para evitar a saída de casa. (MAIA; OLIVEIRA; FUTAMI, 2020). Essa tendência de uso de canais digitais já se manifestava, mas apresentou uma forte aceleração em questão de meses por todo o mundo. Jamais foram realizadas tantas transações, reuniões, aulas, pedidos, eventos, *lives*; tudo de forma totalmente online. (PREMEBIDA, 2021)

O primeiro semestre de 2020 foi histórico para as vendas *online* também, o e-commerce “que é em suma o processo de compra e venda de produtos por meios eletrônicos, como aplicativos móveis e Internet tanto para o setor de varejo e compras on-line, bem como transações eletrônicas.” (PREMEBIDA, 2021, p. 13), no qual os brasileiros aumentaram em 47% seu consumo on-line comparado ao mesmo período do ano anterior, o qual representou o maior aumento em 20 anos (PREMEBIDA, 2021).

Nesse sentido, o e-commerce trouxe mais conforto para os consumidores, ao permitir que este efetue a consulta dos produtos e a compra em qualquer lugar. De modo que oportuniza várias formas de pagamentos como transferência, boleto, cartão de crédito etc. (YOON, 2015)

Apesar desse contexto digital que favoreceu e facilitou a vida de milhões de brasileiros, o atual governo, na figura do presidente, Jair Messias Bolsonaro, teve atitudes tomadas como inapropriadas diante o surto do COVID-19 com críticas ao isolamento social, contrariando diversas recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e na maioria de suas aparições em públicos não utilizando a máscara ou a utilizando de forma inadequada. Com falas afirmando que a doença não passava de uma “gripezinha”. Segundo Bolsonaro,

Sabemos que devemos nos preocupar com o vírus, em especial os mais idosos, quem tem doenças, quem é fraco, mas (sem) essa de fechar a economia. 70 dias a economia fechada. Até quando isso vai durar? Nós

vamos enfrentar isso daí, eu lamento. Eu estou com 65 anos de idade, eu estou no grupo de risco (VALFRÉ, 2020, p. 1).

Para Harvey (2020, online, p. 01), “os impactos econômicos e demográficos da propagação do vírus dependem de fendas e vulnerabilidades preexistentes no modelo econômico hegemônico”, sendo que “o progresso do COVID-19 exhibe todas as características de uma pandemia de classe, de gênero e de raça” (p. 1), apesar da retórica “estamos todos juntos nisso” (p.1).

Em termos de respostas do Estado para a diminuição do impacto social da crise da saúde causada pela pandemia torna-se evidente que há diferentes graus de implementação das orientações neoliberais em cada país, conforme evidenciado por Otoni (2020, p. 179):

Independente da orientação política dos estados, a pandemia parece ser melhor respondida por países que preservaram um nível razoável de serviços públicos de caráter universal. Ou seja, a existência ativa do estado nas respostas às demandas da população determina o grau de eficácia observado no combate ao coronavírus, na maioria das situações. Um indicador que não está relacionado necessariamente a capacidade estritamente econômica de cada nação, mas ao compromisso social envolvido no arranjo institucional. Países que não chegaram a desmontar completamente o “estado de bem-estar social” edificado no pós-guerra, nações que mais recentemente se dedicaram a promoção de serviços públicos a população são, sem dúvidas, as menos afetadas. [...] Considerando a diversidade de experiências e situações de ordem política, econômica, cultural e tecnológica presentes nos escopos nacionais, o combate a pandemia deixará um legado menos traumático aos projetos nacionais que lograram incluir as demandas populares e justificar a existência do estado pelo serviço prestado a todos, e não a vantagem conferida a alguns.

Desta forma, observamos o quanto o Brasil teve perdas gigantescas da sua população pela demora em agir e controlar a pandemia no país, o que resultou na morte de 500 mil pessoas até o presente momento da pesquisa, esse dado, mostra-se como alarmante. É uma reflexão que não poderia ser deixada de lado devido a gravidade do assunto e como isso afetou a população do país diretamente.

Por conseguinte, esse trabalho irá deter-se na problemática do envelhecimento feminino de cinco mulheres em tempos de pandemia no século XXI e como tal acontecimento interferiu em suas vidas e principalmente em suas sociabilidades, em destaque o forró dos velhos que estas frequentavam em Cascavel-CE.

Os capítulos foram divididos da seguinte forma, após este primeiro introdutório: o segmento 2, intitulado “*Trilhas Metodológicas*”, que aborda aspectos da pesquisa, incluindo histórias de cada interlocutora, onde apresento relatos dos diários de campo e as entradas e saídas de campo; o capítulo 3, “*Velhice e gênero: As mudanças no envelhecimento*”, que se propõe a discutir sobre o envelhecimento das mulheres e a vivência da sexualidade destas; a seção 4, “*Sociabilidade no forró dos velhos*” versa sobre a apropriação destas mulheres em lugares públicos, no qual a vida, na maior parte do tempo, as restringiu à casa, esposo e filhos; o capítulo 5, “*Reconfigurações do lazer em tempos de pandemia*”, aborda sobre do forró a casa; por fim, temos a conclusão, onde busco consolidar as principais apreensões dessa pesquisa e refletir sobre o que apresentei nesse trabalho.

## 2 TRILHAS METODOLÓGICAS

O intuito deste capítulo concentra-se em descrever a metodologia utilizada e a forma como se executou esta pesquisa. Com a finalidade de tornar os procedimentos metodológicos claros e objetivos, será destacado abaixo a cidade a ser pesquisada, as interlocutoras a serem entrevistadas, o tipo de pesquisa, os procedimentos, os instrumentos que foram usados no decorrer das entrevistas, o local escolhido e alguns diários de campo.

A cidade analisada nesse trabalho é Cascavel/CE, um espaço com poucas alternativas de lazer para a população envelhecida, contando apenas com o forró dos velhos como um entretenimento. Atualmente conta com 72.232 pessoas, de acordo com o IBGE (2020). É uma cidade que está em pleno desenvolvimento, com um centro sortido de opções de lojas e praias belíssimas, bastante conhecidas pelo Ceará. As suas principais atividades socioeconômicas são as lojas pelo centro e o turismo. Esta não é um polo industrial e conta apenas com empresas de pequenos portes em seu território. Apesar de Cascavel ser localizada perto da capital Fortaleza, essa cidadezinha ainda contém vários traços de interior, que se desenrolam nas relações sociais dos habitantes.

A cidade de Cascavel, em seus dias cotidianos, é calma. O seu centro só se encontra mais movimentado no dia de sábado, quando acontece a típica feira de roupas, artesanatos, bijuterias e materiais diversos, sendo uma importante renda para os comerciantes.

A pandemia impactou bastante a cidade de Cascavel que teve o seu centro esvaziado, praias com barreiras sanitárias em suas entradas, festas proibidas devido a aglomeração, bares e restaurantes com restrição de horários para fechar. O forró acontecia somente no primeiro domingo do mês. O organizador do evento, Sr. Odílio, tem 94 anos e é diretor/fundador da Escolinha Abraço Fraternal, que cede a quadra para o evento. Este criou o forró há mais de nove anos para que as pessoas mais velhas tenham um entretenimento e um local para irem tendo em vista que Cascavel não fornece opções para pessoas acima de 60 anos. O forró começou sendo um evento pequeno, com poucos instrumentos e hoje se tornou uma grande festa.

Este desenrola-se de forma ininterrupta desde a sua criação e só recebe algumas ajudas, como dinheiro e lanche, sendo o Sr. Odílio que banca o restante, que seria a banda, limpeza e manutenção do espaço. Vale ressaltar que esse espaço de socialização está contando cada vez mais com a participação dessas mulheres, que saem dos seus lares para buscando dançar e se divertir.

A pesquisa foi realizada durante os meses de janeiro de 2020 a junho de 2021 com idas ao forró até março de 2020, com assiduidade e compromisso, a pesquisa de campo se divide em dois momentos não sequenciais: o primeiro deles se configura no espaço frequentado pelas mulheres, o “forró dos velhos”; o segundo, as entrevistas em suas casas.

Para a apreensão da realidade na qual estão inseridas as velhas participantes da pesquisa, utilizei inicialmente para a coleta de dados, a observação participativa, os registros em diário de campo e entrevistas semi-estruturadas.

O segundo momento, que são as entrevistas, estas foram realizadas pessoalmente e por ligações via Whatsapp no ano de 2021. Esta pesquisa apresentou a história de cinco mulheres velhas que têm em comum a participação no forró dos velhos, escolhidas através do meu Trabalho de Conclusão de Curso em 2018, visto que não consegui ter muito contato em campo no ano de 2020 para a escolha de novas interlocutoras.

As sujeitas desta pesquisa são mulheres solteiras, viúvas, divorciadas ou separadas, com idade entre 71 e 79 anos, que possuem formação educacional variável e que residem em Guanacés, distrito de Cascavel-CE. Nesse trabalho mantive o anonimato dos seus nomes, por conta das histórias relatadas; embora algumas disseram que não haveria problema em deixar seu nome verdadeiro, contudo preferi ocultá-los. Segue abaixo um breve perfil biográfico de cada uma:

- **Clara**, 78 anos, parda, aposentada, diz ser realizada, muito feliz, liberta, vaidosa, independente. Sua profissão é costureira e é dona de casa. Divorciada, atualmente está sem companheiro. Freqüentadora do forró dos velhos desde 2000, mãe de 9 filhos, já tem tataraneta. Da sua família de origem tem 6 irmãos. Mora com uma neta e uma bisneta. Ela diz que começou a dançar forró aos 17 anos. Teve mais de 5 relacionamentos amorosos duradouros.
- **Lis**, 72 anos, branca, aposentada, divorciada, está atualmente sem companheiro. É mãe de 8 filhos e já tem vários netos. Trabalhava com bordado



antigamente, hoje é dona casa. Mora com uma filha e uma neta. Ela diz ver os tempos de agora como diferentes de antes.

- **Mel**, 79 anos, parda, aposentada, viúva, sem companheiro atualmente. Trabalhava como agricultora e com lavagem de roupa, e no presente momento é rezadeira e dona de casa. Mãe de 5 filhos e avó de vários netos. Mora com um filho, uma nora, três netos e um bisneto. Ela diz que se diverte bastante dançando forró.
- **Raimunda**, 80 anos, branca, aposentada, diz ser uma mulher muito feliz e tenta ocupar o seu tempo, pois para ela ficar remoendo o passado não a deixa feliz. Trabalhava na agricultura, já foi gari e costureira, sendo hoje dona de casa. Viúva, sem companheiro atualmente. Ela é mãe de 8 filhos biológicos, mas que faleceram 7, e ela criou 2 adotivos, tem 3 netos que moram com ela. Afirma frequentar o forró a 10 anos e foi lá que aprendeu a dançar. Ela diz que os tempos de hoje são bem diferentes.
- **Célia**, 71 anos, branca, aposentada, diz que se sente bem na fase em que está. Separada, sem companheiro atualmente. Trabalhava e trabalha vendendo bombons. Tem 2 filhos e 2 netos. Ela mora sozinha. E frequenta o forró há seis anos.

Como aponta o perfil das pesquisadas, elas são pessoas pobres, com baixa escolaridade e que têm poucas opções de lazer, sendo o forró praticamente o único meio de diversão. E dizem: “E quando eu quero dançar procuro o forró [...] e danço é muito lá, de mês em mês” (CLARA, 78 anos).

Todas as minhas entrevistadas foram indicações de frequentadores do forró dos velhos. A minha pesquisa se deu no forró dos velhos, que é um local considerado pelas minhas interlocutoras de muita dança e alegria e é um local bastante agradável e calmo, que possui frequentadores de todas as idades, sendo em sua maioria pessoas com mais de 60 anos. Descobri que todas começaram a frequentar o forró após convites de amigas.

O forró dos velhos foi bastante elogiado pelas minhas entrevistadas por ser um espaço que não há brigas. Também não há venda de bebidas alcoólicas dentro do ambiente, somente fora; até as paqueras são tidas com mais cautela dentro deste lugar, diferente de outros forrós da região.

## 2.1 Campo

Retornando ao forró dos velhos, no dia 05 de janeiro de 2020:

Irei contar aqui um pouquinho sobre o que eu vi e como ressignifiquei esse espaço, depois de tanto tempo afastada. Senti muita falta desse clima descontraído, animado, dançante e que pulsa vida por todos os lados. Vi os casais de sempre e muitos rostos novos. Percebi que quando estou aqui, me sinto mais motivada na minha pesquisa, sinto o quanto é bacana estudar essa geração, a velhice, que me entrelaça. Dessa vez, algo me chamou atenção. Reparei pela primeira vez, casais negros, antes, talvez, estivesse invisibilizados ao meu olhar. Vi os cachos lindos e assumidos por essas mulheres que me gerou automaticamente um sorriso de um lado ao outro. O forró dos velhos se desenrola da seguinte forma, temos uma arquibancada ao redor do palco que fica no centro. Nos bancos temos muitas pessoas sentadas. Na quadra se concentra as cadeiras de plásticos, nelas estão as pessoas que irão dançar que ficam aguardando serem chamadas ou terem vontade de chamar alguém. É muito contagiante ver os sorrisos nos casais e o tom de paquera no ar. Acredito que a maioria dos casais que aqui se encontram são solteiros ou divorciados, pois assim que termina uma música, seguem caminhos diferentes e trocam de parceiros. Para evitar constrangimentos e convites inesperados, eu me sento na arquibancada que fica longe das cadeiras de plásticos, para não ser convidada para dançar, pois não quero entrar nesse jogo de paquera, que vejo de longe pulsando naquele recinto nos toques, sorrisos e conversas. Todo forró tem uma pausa da banda para o Lanche as 17h. Esse lanche é composto por doações dos próprios dançantes, o qual uma das organizadoras cita o nome de todos que contribuíram e o que trouxeram, esse momento demora uns 20 minutos. E é bom para todos descansarem um pouco e conversarem com os amigos e colegas. Temos dançantes de Cascavel, Pindoretama, Beberibe, Fortaleza, Vaca Morta, Barra Nova, Morro Branco, dentre outros lugares. A dança do forró é típica do nosso interior e bastante cultural. Vemos casais sérios se soltando nas pistas. Vemos olhos nos olhos, sorrisos soltos, corpos colados e ahhhh que sintonia. A animação por incrível que pareça ainda aumentou mais quando cantaram o “Espinhaço do véi quebrou”, ficou tão divertido, alguns começaram a dançar sozinhos, como se tivessem com dor na coluna. Nesse dia, consegui perceber também as rugas em cada mulher que demonstram a experiência de vida de cada uma, o que passaram, o que viveram, o que sonharam e o que creram nessa vida. Com o tempo vou ficando mais íntima do forró, sem timidez de ficar andando pra lá e pra cá, como era antes. É libertador, você poder usufruir melhor o espaço. O problema que ainda percebo são os fortes olhares em cima de mim, mas eu entendo que isso ocorre por conta que estou sempre sozinha e sou bem jovem para estar ocupando aquele espaço. Fico me questionando o que eles pensam acerca da minha presença ali, porque a maioria não me conhece devido ao público de mais de 200 pessoas, eles não sabem que estou ali pesquisando.

Antes do contexto de pandemia em 2020 consegui ir ao forró três vezes em janeiro, fevereiro e março, infelizmente, em abril todas as atividades que aglomeravam pessoas foram interrompidas por todo o Brasil e não consegui mais ter

acesso ao campo da pesquisa, por isso o objetivo geral foi alterado na trajetória desta pesquisa.

Não foi fácil mudar a trajetória desta pesquisa, exigiu bastante de mim, enquanto pesquisadora, e então precisei mudar tudo aquilo que eu já havia idealizado de início para a realização dessa dissertação, mas diante a pandemia não tive escolha e aos poucos fui conseguindo contato as sujeitas através do WhatsApp e fui construindo esse trabalho. O campo passou a ser as suas casas em vez do forró dos velhos.

## **2.2 Metodologia**

A presente pesquisa evidência a temática do envelhecimento feminino em que pretendeu compreender as formas de sociabilidade, comportamentos, modo de vida de um grupo de mulheres que frequentam o “forró dos velhos” em Cascavel-Ceará e os impactos da pandemia em suas vidas.

A pesquisa foi de natureza qualitativa para a compreensão dos processos subjetivos e a construção dos perfis desses atores sociais, em que o enfoque central não é a representatividade numérica. No qual Bourdieu (2006) afirma que a interação entre pesquisador e interrogado precisa adotar-se uma escuta ativa e metódica que tem como preceitos:

a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular, que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vistas, em seus sentimentos, em seus pensamentos. (BOURDIEU, 2006, p.695).

Acerca da pesquisa qualitativa, buscou-se um aprofundamento da compreensão do objeto estudado. Entende-se a pesquisa de campo como “um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos” (CRUZ NETO, 1997, p. 54). Segundo Minayo (1994, p. 45), a pesquisa qualitativa trabalha com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, procurando captar mais profundamente o objeto estudado e a realidade na qual ele se encontra inserido.

Com base em Triviños (2007), a pesquisa qualitativa só pode ser definida a partir de uma dada base teórica, pois possibilita conhecer “as causas e as consequências dos problemas, suas contradições, suas relações, suas qualidades [...] e realizar, através da ação, um processo de transformação da realidade que interessa” (p. 124).

Na constituição do referencial teórico-analítico, utilizei as seguintes categorias teóricas fundamentais: Velhice, Gênero, Sexualidade e Sociabilidade. Usei os seguintes autores: Beauvoir (1990); Camarano (2012); Debert (1999); Menezes (2012); Mesquita (2014); Motta (1999); Salgado (2002); dentre outros.

A pesquisa empírica *in loco* assinala-se pelas investigações no campo, que permitem ao(à) pesquisador(a) a aproximação da realidade social em que se realiza a coleta de dados junto a pessoas, sendo concretizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com os sujeitos da pesquisa para captar explicações e interpretações daquela realidade que ocorrem espontaneamente.

O campo da presente pesquisa foi o “fórró dos velhos”, localizado na cidade de Cascavel-CE. As idas a esse espaço aconteceram mensalmente até março de 2020, para observar a dinâmica do espaço, as relações que os indivíduos estabelecem, a linguagem corporal, os sentidos, os olhares e ter contato direto com as mulheres velhas que se dispuseram a participar da pesquisa.

Sobre pesquisa qualitativa, Bauer e Gaskell (2002) afirmam que “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas, ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (p. 68). Daí o motivo pelo qual a entrevista constitui-se precioso instrumento de coleta. Mais ainda, “o método de observação adequado às Ciências Sociais deve reconhecer que seu objeto de estudo possui um caráter histórico, ou seja, suscetível à transformação pela ação humana.” (LÖWY, 1978, p.15).

A partir de abril de 2020, a pesquisa de campo, infelizmente, foi interrompida por conta da pandemia COVID-19 e do Decreto Estadual de *lockdown* que impediu eventos que aglomerassem pessoas. As entrevistas foram realizadas durante 2021, através de ligações via *Whatsapp* e encontros presenciais. No qual o campo de pesquisa, passou a serem as suas casas. Estas entravam em contato comigo com a ajuda de familiares através de ligações e áudios, elas não enviavam

mensagens de texto, devido a dificuldade em acessar esses veículos tecnológicos e algumas não saberem ler.

Inicialmente foi realizado contato pelo *Whatsapp* para saber a disponibilidade delas de me receberem em suas casas por conta da pandemia. Com todas as cinco foram realizadas ligações de janeiro a julho de 2021, o qual foi relatado bastante acerca da resignificação do lazer destas durante esse período tão difícil. Algumas passaram horas a fio comigo relatando seus medos e anseios. Eu busquei seguir o roteiro de entrevista que se encontra no final desse trabalho, contudo durante o percurso da conversa era mudado, então não foi seguido a fio. As visitas em suas casas foram realizadas também, mas devido à preocupação com a COVID-19 era mantida uma boa distância delas e não se prolongava tanto devido a insegurança da contaminação. As ligações e conversas do *Whatsapp* foram bem mais intensas e ricas. Percebi em suas vozes o quanto estas se alegravam em ter alguém para conversar e partilhar um pouco da rotina delas. O contato telefônico foi realizado duas vezes com cada entrevistada. E a visita em suas casas, foi realizada apenas uma vez de forma breve, tomando todos os cuidados.

O artesanato de fazer pesquisa está no centro da prática do pesquisador, em que Camila Holanda (2012) traz que o registro em diários do cotidiano da pesquisa compõe um arquivo pessoal e de consulta que pode ser uma demanda da pesquisa ou não.

Geertz (2001) traz que o campo ele afeta o pesquisador de alguma forma:

Os métodos e teorias da ciência social não estão sendo produzidos por computadores, mas por homens e mulheres, e sobretudo por homens e mulheres que trabalham não em laboratórios, mas no mesmo meio social a que se aplicam os métodos e se transformam as teorias. É isso que confere à empreitada como um todo o seu caráter especial. A maior parte das pesquisas em ciências sociais envolve contatos diretos, íntimos e mais ou menos perturbadores com os detalhes imediatos da vida contemporânea, contatos de um tipo que dificilmente pode deixar de afetar a sensibilidade das pessoas que a praticam, tal sensibilidade está inserida em sua constituição do mesmo modo como as sensibilidades de uma época se inserem na cultura dessa época (GEERTZ, 2001, p.31).

As técnicas de coleta de dados foram: observação e entrevistas simples por intermédio dos seguintes instrumentos: roteiro de entrevista, gravador de voz e diário de campo. No primeiro momento, tratei sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sobre manter o nome delas em sigilo e sobre a possibilidade de desistência delas a qualquer momento da pesquisa.

### 3 VELHICE E GÊNERO: AS MUDANÇAS NO ENVELHECIMENTO

Este capítulo, além de uma revisão da literatura acerca do envelhecimento, ambiciona compreender um apanhado geral sobre a discussão de velhice e gênero. Estas mulheres que nasceram e cresceram dentro de moldes rígidos de “ser mulher” na infância, adolescência e casamento e assistiram às suas mães e avós cuidando dos netos e aguardando a morte.

#### 3.1 Envelhecer e ser mulher

Ao entrevistar Clara (78 anos), ela relatou que não imaginava o processo do seu envelhecimento se destrinchando da forma que está sendo: “pelo o que eu vivi antes. Talvez eu me preparasse para ter outra vida, completamente diferente. Mas como eu sou livre, então, tá do jeito que eu quero”. E continua: “porque se eu não fosse divorciada, ainda fosse casada, talvez eu não estivesse vivendo o que eu estou agora”. Mel (79 anos) já frisa que: “eu imaginava que eu ia morrer veia, sem dançar, sem nada!”.

Lis (72 anos), na entrevista, relata que: “Tá muito diferente, os tempo agora, dos outros tempo!”, quando se refere à liberdade que tem hoje e que não imaginava por conta dos filhos e casamento. Percebi nas minhas entrevistas que o divórcio ou a morte do companheiro, proporcionaram uma nova forma de viver essa fase da vida, sendo de maneira mais livre e independente, com a autonomia de ir e vir. E isso fica nítido quando elas começam a relatar as suas vivências mais fortes depois dos casamentos.

Como diz Clara (78 anos) na entrevista, quando questionada sobre o envelhecimento de antes, ela relata: “A da minha mãe foi diferente da minha hoje, ela viveu só para o meu pai, não aproveitou nada. [...] a minha avó também viveu só para o meu avô”.

Raimunda (80 anos), quando questionada sobre o envelhecimento de sua mãe, destaca que ela ficava: “só em casa cuidando das coisas, mas pra forró, essas coisas [...] NÃO! Minha mãe não saia não”. E isso se repete com as cinco interlocutoras, tanto suas mães, como as avós, viveram no ambiente privado cuidando da casa, dos filhos e esposos.

Essa percepção corrobora com a pesquisa de Goldenberg (2015),

As ideias de reinventar-se, redescobrir-se, apareceram nos discursos das mulheres mais velhas, sempre associadas ao fato de elas fazerem, hoje, as coisas de que mais gostam: estudar, ler, sair, conversar com as amigas, ter tempo para si, viajar. Elas dizem que a felicidade e o prazer podem estar em coisas simples, como dar risadas com as amigas, brincar com os netos, caminhar na praia, ler um bom livro, ir ao cinema ou ao teatro. Muitas disseram que redescobriram prazeres deixados de lado em função do casamento e da maternidade. (GOLDENBERG, 2015, p. 46).

Essas entrevistas puderam demonstrar o quanto o envelhecimento feminino mudou, o quão intensamente elas estão vivenciando momentos novos, que nem elas mesmas esperavam e/ou imaginavam. Um envelhecimento diferente de suas avós, de suas mães e provavelmente que será diferente de suas filhas e netas. Essas mulheres desejam apenas viver a sua vida com autonomia para fazer suas escolhas, sem julgamentos, como destaca Célia (71 anos): “viver só a minha vida, tranquila [...] fazer o que quero, tomar a minha cervejinha”.

Quando eu questiono a Mel (79 anos) sobre como ela vê o envelhecimento, ela diz: “agora é melhor”, se referindo a sua liberdade de dançar e se divertir. Entretanto, a sua nora que estava presente na sala durante a entrevista, diz que a Mel recebe muitos comentários de vizinhos, como: “vixe dona, isso é feio para sua idade, a senhora tem setenta anos é para se aquietar!”. O que evidencia que envelhecer na nossa sociedade vem cercado de tabus, mas tais tabus estão sendo contrariados e quebrados.

Percebo isso atrelado também ao comportamento das mulheres que são, na maioria das vezes, julgadas pela sociedade, relacionando-as com a noção de “piriguete”, que seriam mulheres com condutas consideradas promíscuas, duvidosas ou simplesmente erradas (QUILLINAN, 2016, p. 138); seja devido ao número de relacionamentos, vestimentas ou outro fator semelhante.

Um ponto precisa ser destacado as mulheres com 60 anos ou acima estão vivenciando um envelhecimento diferente do que imaginavam, estas estão tendo a oportunidade de ter uma velhice com outros objetivos, outras metas. Porém mesmo com muitas conquistas, “a curva desse destino é mais abrupta, mais descontínua do que a curva do homem” (QUILLINAN, 2016, p. 757).

(...) as mulheres são especialmente prejudicadas. No homem, o cabelo grisalho, a pele mais áspera e os “pés-de-galinha” são com frequência vistos como indicadores de experiência e conhecimento profundo; nas mulheres, eles são sinônimo de ter “passado da curva”. Essas mudanças

numa esposa têm maior probabilidade de afetar a responsividade sexual do marido a ela do que vice-versa. Uma vez perdida a aparência de juventude, perdeu-se também (aos olhos de muitos homens) o valor como parceira sexual e romântica (PAPALIA; OLDS, 2000, p. 437).

A respeito da longevidade, as mulheres vivem mais que os homens no decorrer dos anos, em grande parte dos países, constituindo 55% da população mundial dos que tem mais de 55 anos. Na América Latina, as mulheres vivem 6,5 anos a mais que os homens. (UN, 2002)

A diferença aumenta com a progressão do envelhecimento, já que a expectativa de vida das mulheres tende a ser maior que a dos homens; mas também, social, porque o modo de vida das mulheres vem contribuindo para essa maior longevidade. Descreve-se, então, a feminilização da velhice (SALGADO, 2002), que, pelo menos no Brasil, significa 60% da população idosa sendo composta por mulheres.

Estas que se dedicam durante a vida para serem alvos de elogios, se deparam com as mudanças no espelho de perderem os seus encantos e as limitações que a vida lhe infligiu. A velhice traz uma carga de mudança abrupta. Mesmo que elas lutem contra os efeitos inexoráveis do tempo, eles, em algum momento, vão aparecer.

(...) a beleza como a preservação exclusiva da juventude... torna as mulheres vulneráveis ao medo de envelhecer... As pressões sociais implacáveis para manter uma aparência elegante e jovial tornam as mulheres autoconscientes a respeito de seus corpos... [e] podem ser prejudiciais para o desenvolvimento e o senso de valor próprio das mulheres de meia-idade (LENZ, 1993, p. 26-28).

Já deu para perceber que ser mulher e velha em nossa sociedade, não é fácil. Acredito que para os homens são cobradas de forma severas outros pontos também que não devem ser maneiras de carregar, como a ereção igual a juventude. E várias outras questões que já ouvi sendo abordadas que não pretendo discutir aqui por não ser o meu foco, mas que é pertinente a reflexão também.

Outro fator importante acerca do envelhecimento feminino na contemporaneidade é o ponto que a autora Lins de Barros aponta: “as mulheres que têm, hoje, pais vivos e filhos jovens adultos, que permanecem em suas casas, enfrentam uma realidade não vivida por seus pais e que possivelmente não será vivida por seus próprios filhos” (2013, p. 127).



“A situação de confinamento, provocada pela conjuntura sanitária, incide diretamente na família face à recorrência das situações desgastantes que levam ao aumento do estresse por conta das cobranças familiares sobre sua responsabilidade na execução dos cuidados” (HEILBORN, 2020, p. 4). Ou seja, as demandas dessas mulheres velhas dobraram durante a pandemia, estas que já tinham a responsabilidade da casa em tempos de pré-pandemia, agora estão tendo que dar conta de comida, limpeza, lavagem de roupas para todos que ali estão todos os dias.

Esta é a nova experiência/vivência das 5 entrevistadas. Mel (79 anos) afirma que sua energia subiu, que está gastando mais com comida “aqui em casa tudo ficou mais caro com a pandemia, tô gastando demais”. Célia (71 anos) “mia fia, com essa pandemia e todo mundo aqui, só tá sobrando pra mim, passo o dia fazendo coisa aqui em casa”.

Mori e Coelho (2004) apontam que a mulher que envelhece hoje por ter deixado de lado seu papel de passividade, tem mais contato com seus desejos. “Essas mulheres ocupam-se de si mesmas e saem do lugar de resignação que até então lhes era imposto” (p. 178).

A velhice se torna uma fase de grandes dificuldades para as mulheres, pois estas passam a viver um duplo preconceito tanto por serem mulheres a agora por serem velhas. E em relação as mulheres mais pobres, estas sofrem mais dificuldades na velhice, pois muitas a aposentadoria não é suficiente para os gastos e precisam buscar outros meios de trabalhos informais para aumentar a renda.

Por outro lado, há autores que acreditam que a velhice para as mulheres é mais suave que para os homens, pois a relação trabalho e aposentadoria é mais abrupta para os homens, devido a relação entre mães e filhos serem mais fortes. E os filhos estarem mais propensos a cuidarem das mães do que dos pais.

Pesquisa realizada pela Psiquiatra Carmita Abda, coordenadora do Projeto Sexualidade (Prosex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP) que entrevistou 3.000 pessoas velhas mostrou que 94,2% dos entrevistados responderam que consideram sexo importante (51,2%) ou muito importante (43%). Logo, conseguimos notar a importância da vivência da sexualidade para essa fase da vida também, assim como as outras.

Ainda temos uma sociedade bastante dura com a mulher que envelhece. Embora ela ganhe uma liberdade proporcionada pela viuvez, separação ou

aposentadoria, raramente esse momento pode ser desfrutado plenamente pelas mulheres. As censuras socioculturais e as autocensuras, comumente, impedem que a mulher exerça a sua liberdade e seja sexualmente ativa após a menopausa.

Comportamentos adequados de sua idade são cobrados por outras mulheres, sendo estes comedimentos, descrição, moralismo, religiosidade, vocabulário apropriado, etc. Lembro-me muito bem da minha avó materna de 91 anos que mora no interior falando de suas filhas mais velhas e colegas que não tem um comportamento esperado pela sociedade. Além de essas mulheres terem uma “autocobrança”, elas fazem isso com a outra também. Não é fácil ser mulher, somos todo tempo cobradas em todos os aspectos pela feminilidade, sensibilidade, delicadeza, descrição, inteligência, magreza, entre tantas coisas.

A fase da velhice para muitas mulheres se torna um momento de redescoberta, pois após ficarem viúvas ou se divorciarem, que é a menor porcentagem. Elas acabam descobrindo um lado da vida, jamais imaginado antes. Traídas pelos maridos, a vida inteira, no silêncio e na infelicidade conjugal, redescobre a sua sexualidade, a sua feminilidade. As mulheres velhas têm mais dificuldades de reconstruir uma vida sexual após ficaram viúvas ou se divorciarem devido a terem sido educadas de forma muito rígida.

### **3.2 Os diferentes olhares sobre a velhice**

Para Salgado (1980) o primeiro passo para a reflexão de qualquer trabalho é entender que qualquer palavra tem um conteúdo ideológico, dessa forma busco compreender qual e quais sentidos são atribuídos a velhice. Giubilei (1993) expressa seu conceito sobre velhice, como:

Aquele que vê no amanhã a continuidade do trabalho do hoje, aquele que não fica à espera do descanso eterno, que vai à luta, que busca preencher os espaços da vida, que se vê como elemento útil à sociedade. Enfim, aquele que acredita e demonstra que tem experiências a serem relatadas e que, acima de tudo, é ainda capaz de grandes realizações. (p. 11)

Beauvoir (*apud* MESQUITA, 2014) diz que: “o momento em que começa a velhice é mal definido, varia de acordo com as épocas e lugares. Não se encontram em parte alguns “ritos de passagem” que estabeleçam um novo estatuto”. As pessoas tendem a empurrar o envelhecimento para o outro, para a casa do vizinho.

Velho é sempre o outro. Assim, como assevera Beauvoir (1970, p.348): “[...] a velhice aparece mais claramente para os outros, do que para o próprio sujeito [...]”.

Para Gusmão (2003, p. 18) “não existe uma velhice, mas maneiras singulares de envelhecer. Cada velhice é conseqüência de uma história de vida que, à medida que o tempo passa, vai acrescentando processos de desenvolvimento individual e da socialização”. Dessa maneira, entendemos a velhice como o resultado de um conjunto de fatores dinâmicos.

Braga (2005) afirma que a velhice é plural e que o envelhecimento deve ser considerado como um processo individual, existencial e subjetivo, de modo que, as conseqüências ocorrem de formas diversas em cada sujeito, pois cada indivíduo tem o seu próprio tempo para se sentir velho.

Debert (2007) traz que a velhice não é uma categoria natural e sim uma categoria socialmente produzida; as categorias de idade são construções históricas e sociais, existem várias formas de se viver e conceber a velhice. Os estudos antropológicos mostram como os períodos da vida são “[...] elaborado(s) simbolicamente com rituais que definem fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam e que não são necessariamente as mesmas em todas as sociedades” (DEBERT, 2007, p. 51).

Vejamos, a criança como categoria não existia na Idade Média. Assim que conseguia determinada maturidade física se integravam no mundo do trabalho e na vida social adulta. Aos poucos, que se foi desenvolvendo a noção de infância, como um problema específico; com roupas, jogos e brincadeiras que começaram a distinguir a criança do adulto (DEBERT, 2007).

Ao escrever sobre o que é velhice, Sônia de Amorim Mascaro diz que somente se envolveu com o tema quando percebeu que estava envelhecendo e que o tempo atua de forma inexorável sobre todos nós. Ou seja, a maioria de nós, só pensamos na velhice quando chegamos nela. Diferente das outras idades que quando temos 10 anos, queremos muito ter 18 anos e quando temos 23, queremos ter 30 anos. Contudo, raramente almejamos a idade da velhice ou as conquistas dessa idade. Constatei nas entrevistas que o envelhecimento, para as minhas interlocutoras, se dar como um momento de oportunidades, para vivenciar tudo aquilo que foi negado a elas quando mais jovens, sendo esta a hora de viajar, sair, passear, namorar, de autonomia e independência do seu ir e vim.

A velhice “era vinculada à pobreza, à inatividade, à quietude. Somente a partir da década de 1960 novas imagens são integralizadas e associadas ao processo de envelhecimento, quais sejam, a saúde, atividade, aprendizagem e satisfação pessoal” (DARDENGO; MAFRA, p. 3).

Ao analisar a história, a velhice foi tratada de diversas formas pelas sociedades, verifica-se que em algumas “os velhos eram valorizados, em virtude de sua experiência, auxiliando os mais jovens em suas atividades diárias, transmitindo seus conhecimentos adquiridos no transcorrer da vida” (DARDENGO; MAFRA, p. 3). Contudo, na Grécia antiga, o envelhecimento era conforme a classe social, se fosse pertencente a elite, tinha prestígio e respeito, se fosse de classes sociais baixas, representava a invalidez, a doença e a morte (HORN, 2013).

A velhice é um processo heterogêneo, complexo. E estar sujeito a determinantes socioculturais. Seu conceito abrange vários determinantes ligados a dados fisiológicos e dados psicológicos. É resultado de condicionantes macro e microssociais (VERAS; CALDAS, 2004). Cada pessoa vivencia essa fase da vida de maneira diferente, em que os aspectos sociais, econômicos e culturais interferem diretamente na vida de cada velho, proporcionando uma forma individual de envelhecer (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Em nosso país, é necessário destacar a desassistência que o velho sofre, principalmente os de classe baixa, em consequência a ineficiência das políticas públicas em lhe garantir uma um envelhecimento com qualidade para fornece-lhe uma sobrevivência digna e humana. (REZENDE, 2008)

A velhice chega. Sem ao menos percebermos. De repente nos olhamos no espelho e já não vemos mais o brilho dos 20, 30 anos. Estamos com rugas agora, cabelos grisalhos, dor nas costas, já não temos o mesmo fôlego de antes. Muitos de nós não aceitamos bem essa fase, outros tentam ressignificar.

Sobre a velhice, Beauvoir (1990) escreveu:

Ela é um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. A velhice acarreta, ainda, consequências psicológicas: certos comportamentos são considerados, com razão, como característicos da idade avançada. Como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca em

estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence. O que torna a questão complexa é a estreita interdependência desses diferentes pontos de vista. (BEAUVOIR, 1990, p. 15).

Beauvoir (1990) argumenta que a velhice é um fenômeno biológico com suas consequências psicológicas. A forma como a velhice ou outra fase da vida se constitui ocorre de acordo com a sociedade que os indivíduos estão inseridos. Então os valores, as restrições, as relações entre os indivíduos vão depender do espaço que essa pessoa estiver.

A velhice é representada de maneiras diversas e diferentes grupos, pois é um fenômeno cultural que engloba uma dinâmica rodeada de valores culturais que depreende há um referencial simbólico específico de cada grupo que constrói uma identidade coletiva. Dessa maneira, percebemos que como categoria social, a velhice é delimitada por dados de natureza sociológica. (DANTAS, 2006)

A velhice constantemente é associada a doença, a dor e a privação. Beauvoir (1990) traz um quadro desolador do envelhecimento devido a degradação física inerente a esse processo da vida. Contudo, estudos recentes mostram que esses quadros apresentados pela autora em sua época e inseridos em seu contexto, não se manifestam ao mesmo tempo e nem da mesma forma em todas as pessoas no atual cenário.

A longevidade é um ganho coletivo e apesar de ser uma vitória, esta ainda é considerada como um problema para as nações desenvolvidas e em desenvolvimento. Contudo, o real problema é a ausência de “políticas e programas que promovam o envelhecimento digno e saudável; uma vez que há uma contradição no esforço pelo prolongamento da vida, se o que se oferece é um estado quase sem vida para os indivíduos” (REZENDE, 2008, p. 31).

Kaloustian (1985) aborda que a família, enquanto forma específica de agregação tem uma dinâmica de vida própria que é afetada pelo desenvolvimento sócio-econômico do país e pelo impacto da ação do Estado através de suas políticas econômicas e sociais. Logo, os velhos, precisam de políticas e programas próprios, que deem conta de suas especificidades.

O envelhecimento é um processo natural que acarreta várias mudanças genéticas para a espécie humana e se traduz no aumento da vulnerabilidade,

aumento da probabilidade de morte, diminuição da elasticidade da pele, dentre outros fatores característicos dessa fase da vida (OLIVEIRA, 2005).

O envelhecimento é um processo rodeado por falsas concepções e mitos. Os estigmas se constituem como um dos participantes do conjunto de representações formado e atribuído ao envelhecimento. A velhice se constitui como uma etapa da vida que envolve várias questões negativas e positivas como qualquer outra fase. Conseqüentemente, é dinâmica e não pode se esgotar em uma única imagem. O desenvolvimento constante dos conhecimentos científicos e as transformações culturais e econômicas influenciam diretamente para como construímos essa imagem (LOPES, 2003).

As diferenças entre os velhos se farão presentes nas “questões de gênero, classe social, saúde, educação, fatores de personalidade, história passada e contexto sócio histórico são importantes elementos que se mesclam com a idade cronológica para determinar diferenças entre os idosos.” (REZENDE, 2008, p. 32)

Não podemos nos iludir acreditando que a velhice sempre foi bem aceita e respeitada em todas as sociedades. O abuso contra os idosos permeiam tanto os tempos antigos como os atuais. Os jovens apresentam essa tendência de desvalorização, encarando-os como um fardo social (BRASIL, 2014).

O mercado vai se voltar para esses novos consumidores em potencial que se abrirá, sendo estes os velhos. Que agora consumiram bastante cosméticos, remédios, roupas, entre tantas outras coisas. Teremos um contexto diferente para essa fase da vida, eles começaram a ser vistos de outra forma pelo mercado.

Segundo Mercadante (2003), a velhice é ao mesmo tempo natural e cultural, devido ser um processo biológico e ser revestida de conteúdos simbólicos. Sobre a aceitação da velhice, ela afirma que: “A surpresa, o susto em ver como o corpo se alterou com o passar do tempo, remetem novamente a idéia de que a velhice está presente no outro, não vemos que estamos velhos” (MERCADANTE, 2003, p.60). Beauvoir apud Mercadante (2003, p.62) considera que: É normal que em nós é o outro que é o velho, que a revelação de nossa idade nos venha outros. Não consideramos de boa vontade. Uma pessoa fica sempre sobressaltada quando a chamam de velha pela primeira vez.

E isso ocorre em peso na nossa sociedade. Alguns se incomodam até que chame de Senhor ou Senhora, apesar da idade que carregam e dos traços que pulsam para nós, que somos o outro. Estes preferem deixar mais para frente essas

preocupações da velhice, as ignorando. Não temos que culpá-los por tais atitudes, pois vivemos em uma sociedade que não valoriza o velho, então quem gosta de está em uma posição que não é desejada?

A sociedade moderna reforçou a imagem do velho como um ser improdutivo e decadente. Na medida em que a força física e a capacidade de produção se constituíram como requisito fundamental do homem. A construção das categorias “infância” e “juventude” são termos recentes da nossa sociedade. Até o pré-capitalismo essas fases eram confundidas com a idade adulta, sem demarcações ou passagens (ARIÈS, 1978). A invenção da “terceira idade” se deu na entrada da década de 1960, que é da maturidade.

Debert (1998) traz que as categorias de idade são construções históricas e sociais e que cada cultura tem tendência a elaborar fases de idades específicas “A antropologia mostra que a idade não é um dado da natureza, nem um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem um fator explicativo dos comportamentos humanos”. (1998, p. 51).

As instituições e as áreas de conhecimento fortaleceram essas demarcações que são as escolas, hospitais, asilo, sociologia, psicologia, psiquiatria, pediatria, gerontologia, demografia, geriatria. As fases da vida como a “infância”, “juventude” e “velhice” são rituais que definem fronteiras entre idades em que cada indivíduo passa e não são iguais em todas as sociedades.

A partir do século XIX surgem, gradativamente, diferenciações entre as idades e especialização de funções, hábitos e espaços relacionados a cada grupo etário. Têm início a segmentação do curso da vida em estágios mais formais, as transições rígidas e uniformes de um estágio a outro e a separação espacial dos vários grupos etários. Desse modo, o reconhecimento da velhice como uma etapa única é parte tanto de um processo histórico amplo – que envolve a emergência de novos estágios da vida como infância e adolescência –, quanto de uma tendência contínua em direção à segregação das idades na família e no espaço social (SILVA, 2008, p. 156-157).

Vejamos, a criança como categoria não existia na Idade Média. Assim que conseguia determinada maturidade física, se integravam no mundo do trabalho e na vida social adulta. Aos poucos que se foi desenvolvendo a noção de infância como um problema específico, com roupas, jogos e brincadeiras que começaram a distinguir a criança do adulto (DEBERT, 2007).

De acordo com Morin (2003), na maioria das sociedades arcaicas, a adolescência era uma realidade mais ou menos clandestina; de tal modo que há civilizações sociologicamente sem adolescência. E essa fase, assim como a noção infantil, também foi um processo gradualmente construído.

A adolescência, para Calligaris (2000), seria essa etapa em que o jovem está desligado do universo infantil, mas ainda não está integrado na fase adulta, e que se vê em um processo de indeterminações e conflitos. Os jovens são educados para serem independentes e essa é a palavra-chave da educação moderna. Os adultos se afirmam em sua independência e autonomia. A finalidade da adolescência é a transição para a fase adulta, mas esse não é um caminho fácil, pois precisam descobrir o que os adultos querem e esperam deles; e, no mínimo, transgredem a vontade desses adultos.

A velhice como etapa distinta da vida surgiu no período de transição entre os séculos XIX e XX. Teremos várias mudanças específicas e a convergência de discursos que resultaram no reordenamento do percurso da vida e gerando condições para o surgimento da velhice. “Dois fatores se destacam como fundamentais e determinantes: a formação de novos saberes médicos que investiam sobre o corpo envelhecido e a institucionalização das aposentadorias.” (SILVA, 2008, p. 4). A geriatria e a gerontologia se debruçaram acerca do corpo velho, sobre a sua anatomia patológica, buscando o micronível dos tecidos e das células para explicar o processo de degeneração do corpo. (SILVA, 2008, p. 4).

“Na França, no século XVIII os indivíduos que não possuíam status social eram tratados como velho (*vieux*) ou velhote (*vieillard*), enquanto os que o possuíam eram designados como idosos (*personne âgée*).” (REZENDE, 2008). O termo “velhote” não era tratado de forma pejorativa, era usado para se referir ao bom pai e o bom cidadão. Já o termo “velho”, até o século XIX “esteve associado à decadência e incapacidade para o trabalho, no entanto, quando se começou a distinguir os velhos dos mendigos internados nos “depósitos de velhos” e nos asilos públicos, a velhice passou a receber um tratamento social.” (REZENDE, 2008, p. 24).

A partir dos anos 1960 com a adoção de uma nova política social e com o aumento das pensões, os velhos começaram a ter um prestígio e retomou-se então o termo “idoso” para referir-se a este segmento populacional, entendendo que este era menos estereotipado (REZENDE, 2008).



Com o tempo, cria-se um novo vocábulo para caracterizar a velhice também denominada “terceira idade”. Essa nova fase do ciclo da vida entre a aposentadoria e a velhice, situará no surgimento de instituições e agentes especializados no tratamento da velhice, que passará por um trabalho de eufemização, tornando-se público e deixando de ser rechaçada. Que significará,

[...] Sinônimo de envelhecimento ativo e independente, a terceira idade converte-se em uma nova etapa da vida, em que a ociosidade simboliza a prática de novas atividades sob o signo do dinamismo. A velhice muda de natureza: “integração” e “autogestão” constituem as palavras chaves desta nova definição [...]” (PEIXOTO, 2007, p. 76).

A “terceira idade” também será uma criação recente das sociedades contemporâneas e sua concepção implica em uma nova fase, que interpõe a idade adulta e exige novas práticas, agentes, instituições; e a partir da década de 70. Para Silva (2008, p. 7) a velhice “antes entendida como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude no qual imperavam a solidão e o isolamento afetivo” passa por um novo significado “momento do lazer, propício à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hábitos, hobbies e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família.” (2008, p. 7).

A introdução de terceira idade no Brasil advém da França, em que “velho” passou a ser substituído por “idoso” nos documentos oficiais. Contudo temos ambiguidades próprias a nossa cultura como “sentidos mais sutis, tanto que o termo ‘velho’ parece manter-se e é comumente utilizado para designar pessoas velhas de classes populares, enquanto ‘idoso’, mais respeitoso, é utilizado para aqueles de camadas médias e superiores.” (SILVA, 2008, p. 4).

“O conceito de terceira idade faz menção aos chamados jovens velhos e surge trazendo uma visão positiva da velhice, de tal modo, compreende-se ser também esse conceito uma construção social e que traz outro entendimento do que é ser idoso” (DALLABRIDA, 2020, p. 15). O termo associa-se à ideia de um envelhecimento dinâmico e independente. Por meio dele, entende-se que a ociosidade se configura como um espaço e uma oportunidade para a prática de novas atividades (DALLABRIDA, 2020).

Teremos um reforço da mídia do envelhecimento positivo para o favorecimento do consumo em massa desse segmento e a teoria da atividade, por sua vez, supunha que um envelhecimento positivo poderia ser atingido se os sujeitos se mantivessem ativos, conservassem os mesmos hábitos da vida adulta e desempenhassem papéis sociais relevantes (BLAIKIE, 1999).

Segundo Mazzucco (1995, p.11), “a velhice é então definida como parte do desenvolvimento do homem. É o resultado de sucessivas passagens ocorridas no indivíduo, tanto física e psicologicamente, quanto cultural ou socialmente”. A velhice mostra-se como uma vivência estigmatizada que revela o velho como um ser desvalorizado, diminuído e um fardo para a família. Dessa forma, isso contribui para a rejeição da velhice e o desejo da eterna juventude (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

A antropologia questiona as maneiras que se classifica a faixa etária, pois se ignora as características pessoais dos indivíduos, esta é generalizante e possui um objetivo puramente funcional na sociedade. A partir dos meados do século XIX começou-se a instituir a geriatria como especialidade da medicina, ainda não era este nome no início. Ela foi se estabelecendo aos poucos devido aos vastos asilos que se propagavam na França. Em 1912, a geriatria é fundada com esse nome pelo austríaco-estaduniense Nascher. O médico se inspirou na pediatria para criar um ramo específico na medicina para a velhice (BEAUVOIR, 1990).

Se para alguns a velhice é tida como um momento de aproveitar a vida, descansar. Para a maioria da população brasileira nessa faixa etária, não é isso que ocorre. A velhice é um período de privações e dificuldades financeiras. Os custos com medicamentos, locomoções, consultas médicas toma boa parte do dinheiro. Apesar de o Brasil ser um dos poucos países que garantem pela constituição o direito à aposentadoria, isso não significa que os velhos vivam de forma confortável.

Beauvoir (1990) caracteriza a conspiração do silêncio em relação aos velhos e questiona o quanto a sociedade é criminosa em não converter essa situação, pois um corpo que envelhece e não atende mais aos padrões de beleza da juventude, entra em conflito, chegando a casos depressivos.

Se os velhos manifestam os mesmos desejos, os mesmos sentimentos, as mesmas reivindicações que os jovens, eles escandalizam; neles, o amor, o ciúme parecem odiosos ou ridículos, a sexualidade repugnante, a violência irrisória. Devem dar o exemplo de todas as virtudes. Antes de tudo, exige-

se deles a serenidade; afirma-se que possuem esta serenidade, o que autoriza o desinteresse por sua infelicidade. A imagem sublimada deles mesmos, que lhes é proposta é a do sábio aureolado de cabelos brancos, rico de experiência e venerável. Que domina de muito alto a condição humana; se dela se afastam, caem no outro extremo: a imagem que se opõe à primeira é a do velho louco que caduca e delira e de quem as crianças zombam. De qualquer maneira, por sua virtude ou por sua abjeção, os velhos situam-se fora da humanidade. Pode-se, portanto, sem escrúpulo, recusar-lhes o mínimo julgado necessário para levar uma vida de homem (BEAUVOIR, 1990, p. 10).

A autora se refere a uma espécie de limbo que o velho se encontra, pois este se torna um exemplo para as outras gerações. Desta forma, se retira dele a possibilidade de participação social para evitar o medo do rídiculo da convivência.

Goldenberg (2015) coloca que a velhice é uma fase que podemos encontrar muita beleza na medida que as pessoas se descobrem e se reinventam como novas possibilidades de viver, investindo em novos planos e novos projetos que não tenham relação com a sua aparência.

Durante a história da humanidade os velhos tiveram diferentes olhares nas sociedades e culturas que estavam inseridos. Ora eram tratados como sábios, ora como fardos. Tudo isso vai depender de muitos fatores que estão ligados diretamente as relações entre os indivíduos, a economia que funcionava naquele local que se fosse escassa e de subsistência, uma pessoa velha era mais uma pessoa a ser alimentada, entre outros pontos.

Goldfarb (1997, p. 11) discute que a velhice já foi símbolo de status social:

Nas sociedades tradicionais a figura do velho representava a sabedoria, a paciência, e transmitia os valores da ancestralidade: era ele quem detinha a memória coletiva; quem, através da evocação e da transmissão oral, construía uma narrativa com a qual se incorporava (fazia-se corpo) cada indivíduo na história do grupo.

Em culturas mais antigas, o velho era idolatrado. Beauvoir (1990, p. 112) aponta como os idosos chineses eram respeitados. “Toda a casa devia obediência ao homem mais idoso. Não havia contestação prática de suas prerrogativas morais, pois a cultura intensiva que se pratica na China exige mais experiência do que força”. Beauvoir (1970, p.16) coloca que “o mundo fecha os olhos aos velhos, assim como os delinquentes, as crianças abandonadas, aos aleijados, aos deficientes, todos estigmatizados, nivelados em um mesmo plano”.

A imagem da velhice vem sendo considerada algo relativamente ruim devido à construção da valorização da beleza do jovem, do estilo da juventude. Logo, o que remete ao velho, é rejeitado por todos e não é mais valorizado como antes. A juventude passou a ser cultuada.

Apesar da Gerontologia, políticas públicas, campanhas, geriatria afirmarem que a velhice é a “melhor idade”, na prática esse período é marcado por grandes dificuldades de auto aceitação devido aos padrões de beleza que são instituídos pela mídia e incorporados pela sociedade. Para as mulheres, esse processo, ainda é mais intenso, uma vez que o Brasil é um país de em que beleza, juventude e sensualidade são ícones de sua cultura e mulheres fora desse padrão são consideradas feias e descuidadas.

No século XVII as mulheres velhas eram vistas como bruxas, feias e malvadas. Histórias clássicas como A Branca de Neve e os sete anões contadas até hoje reproduzem os padrões de beleza, bondade, virgindade e pureza associadas à juventude, enquanto a maldade e a bruxaria são de competência de uma mulher mais velha que necessita que a jovem princesa morra para que ela permaneça sem concorrência e lhe roube a beleza (NASCIMENTO, 2011, p. 461).

Logo, podemos perceber que ainda há muitos olhares e discussões acerca da velhice e esses debates que estão presentes nesse trabalho precisam mostrar como ainda carregamos de forma negativa o nosso processo natural da humanidade, precisamos reinventar essa fase da vida que todos passam.

Qual a idade velhice? Será que é aos sessenta anos, setenta anos? Segundo deliberações da Organização Mundial da Saúde (OMS) sessenta anos é a idade definida para classificar pessoas como velhas em países em desenvolvimento e sessenta e cinco para países desenvolvidos. (AIDAR, 2014)

Há uma preocupação mundial acerca do processo de envelhecimento. Percebe-se uma diminuição na fertilidade e o aumento de número de pessoas velhas com mais de 60 anos por todo o mundo. Dados mostram que até 2050 teremos mais velhos que pessoas jovens em alguns países.

No Brasil, assim como nos países em desenvolvimento, o crescimento da população idosa ocorre de maneira rápida, enfrentando o despreparo da sociedade para esse fenômeno. Diante desta situação, a preocupação com o tema vem

umentando, estimulando questionamentos. Com isso, é preciso voltar o olhar para os/as velhos/as e preparar a sociedade para lidar com o fato tão presente.

A pirâmide etária anda assustando demógrafos, economistas e governantes que estão preocupados com os gastos necessários para a manutenção de vida de pessoas classificadas como velhas. Esse espanto ocorre devido principalmente às despesas médicas de pessoas mais velhas e as aposentadorias.

O envelhecimento torna-se uma questão de peso para a economia, a vida social e cultural da sociedade contemporânea, sendo redefinido como uma experiência objeto de gestão coletiva. Todas essas transformações possibilitaram a emergência de novas sensibilidades e novas formas de gerir o envelhecimento. (BARROS, 1998, p. 43).

O Brasil ainda é considerado um país jovem e vem enfrentando o processo de mudança na estrutura etária da sociedade, distinguida pelo aumento da população velha, enquanto os grupos etários de jovens e adultos permanecem em constante crescimento, com reduções significativas na taxa de natalidade. Tais mudanças na pirâmide etária não ocorrem de maneira homogênea, diferenciando-se entre gênero, regiões e condições sociais. As mulheres apresentam predominância sobre os homens na velhice.

Plano de Ação da ONU classifica o aumento da população velha como um desafio para todos os países em desenvolvimento, quanto para a comunidade internacional. É um impacto que irá diretamente aos serviços de saúde, previdência, assistência social, entre outros.

No período da industrialização, o trabalhador dependia emprego e o capitalista dependia do empregado para a produção. Mas havia a necessidade de proteção para duas situações em específico, a invalidez e a velhice. E o interesse do capital era se desvencilhar de tal demanda e passar para o Estado.

Cada lado tinha “interesses investidos” em manter o outro lado em forma. Não surpreende que a “remercantilização” do capital e do trabalho tenha se convertido na principal função e ocupação da política e da suprema agência política, o Estado. O Estado era o encarregado de que os capitalistas se mantivessem aptos a comprar trabalho e a poder arcar com seus preços coerentes (BAUMAN, 2001, p. 167).

Fazia parte das reivindicações do movimento dos trabalhadores a aposentadoria, que até então não era um direito social garantido pelo Estado.

Muitos indivíduos do século XXI não sabem que essa conquista é recente e fruto dos movimentos sociais. Não foi algo dado de forma fácil para nós.

O envelhecimento brasileiro durante o século XX se transformou em uma questão social, deixando de ser um problema exclusivo a família e a vida familiar ou associações filantrópicas.

O envelhecimento, tanto como processo natural do ciclo da vida, como fenômeno coletivo é permeado de diferentes e complexos aspectos que demandam a intervenção do Estado sob o controle da sociedade. O mecanismo mais viável para atender essas demandas é a elaboração e implementação de políticas públicas que se destinam a concretizar direitos deste segmento, e, sobretudo que sejam capazes de permitir à pessoa idosa o exercício da cidadania ativa (PESSOA, 2009, p. 122).

Para os idosos que não trabalham, não foram aposentados, e não possuem renda familiar, o Art 203 da Lei 8.742 de 07 de dezembro de 1993, inciso V da Constituição Federal garante um salário-mínimo de benefício mensal aqueles que provarem não possuir meios de prover a própria manutenção, que é Benefício de Prestação Continuada – BPC.

Os benefícios, previdenciário ou social garantem ao velho uma renda certa para mantê-los e ajudá-los nos gastos fixos como alimentação, remédios, energia, aluguel, água, entre tantos outros essenciais nos dias de hoje.

A primeira concessão de aposentadoria data de 1890, do Ministério da Função Pública, para os trabalhadores de ferros federais; que depois se seguiu para outros funcionários públicos, como os trabalhadores do Ministério das Finanças (1891) e da Marinha (1892). Com o passar do tempo, por volta da década de 30, boa parte das categorias profissionais já estavam incluídas no sistema de aposentadoria. Em 1933, foi criado o primeiro fundo de aposentadoria por categoria profissional, o Instituto de Aposentadoria e Pensões Marítimas (IAPM) e aos poucos outras categorias fundaram seus próprios fundos.

Em 1960, com a criação da Lei Orgânica da Previdência Social, unificaram-se as legislações e institutos, como as CAPs, IAMs e IAPs, no Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Contudo, o Instituto ainda não englobava os agricultores, as empregadas domésticas e os trabalhadores autônomos, que passaram a ser segurados a partir dos anos 70.

A obtenção de maior espaço pelos velhos no Brasil tem como grande marco o estabelecimento, em 1976 do Ministério da Previdência e Assistência Social que iniciou uma política de proteção a esse grupo etário. Mas será a partir da Constituição de 1988 que teremos uma efetiva colaboração de iniciativas estatais, pois o Estado passará a adotar políticas públicas no sentido de garantir proteção àqueles velhos que não detinham os meios necessários para se sustentarem.

Os movimentos sociais serão decisórios nesse processo de reivindicações. Teremos logo depois a Criação da Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994 (Política Nacional do Idoso- PNI) que dispõe de normas que propiciam o acesso dos direitos sociais dos idosos. Que atribuem à responsabilidade a família, a sociedade e ao Estado no provimento de condições que propiciem a dignidade aos idosos.

### 3.3 A vivência da sexualidade na velhice: um tabu?

Nesse contexto do envelhecimento, inicia-se a discussão acerca da sexualidade nessa fase da vida, esta que é caracterizada por uma necessidade básica do ser humano do desejo, intimidade, contato, amor, carinho, laços de união mais fortes e intensos com outras pessoas, desenvolvendo assim uma comunicação que visa o prazer, através de uma relação íntima. (MORAES, 2011; ANTUNES, 2010).

A questão é que ao longo do desenvolvimento da nossa sociedade foram se construindo mitos, tabus e preconceitos acerca do tema sexualidade que precisa ser discutido (ALMEIDA; PATRIOTA, 2009). Desse modo, para Ribeiro (2002 p.124):

A sexualidade é a maneira como uma pessoa expressa seu sexo. É como a mulher vivencia e expressa o 'ser mulher' e o homem o 'ser homem'. Se Expressa através de gestos, da postura, da fala, do andar, da voz, das roupas, dos enfeites, dos perfumes, enfim, de cada detalhe do indivíduo.

A sexualidade não se restringe ao coito como muitos imaginam, ela é expressa de várias maneiras e vivenciada por todos independentemente da idade. Risman (2005) fez um resgate da trajetória histórica da sexualidade e mostra que as relações sexuais entre homens e mulheres iniciam-se com os povos primitivos. No qual, essas relações eram mantidas com o propósito de sobrevivência e não

com intuito afetivo ou desejo de ter o outro para si. As relações amorosas não eram valorizadas.

Percebemos que durante os séculos da civilização, o foco central da sexualidade era a procriação e os velhos eram tratados como assexuados. Para Ballone (2007, p. 10): “Nos idosos a função sexual está comprometida, em primeiro lugar pelas mudanças fisiológicas e anatômicas do organismo produzidas pelo envelhecimento”.

A nossa sociedade valoriza a juventude, o jovem, o novo e desvaloriza o velho (GOLDENBERG, 2012). As mudanças da velhice são acompanhadas por preconceitos e estereótipos que dificultam a discussão sobre assuntos ligados a sexualidade. Essas circunstâncias impedem que os velhos vivenciem a sua sexualidade de forma plena, pois o sexo passa a ser tratado como um tabu.

O tema sexo passou a ser discutido bem mais em nossa sociedade contemporânea. Temos nos deparados com questões que eram pouco ou quase nunca faladas. Esse tema saiu das quatro paredes de um quarto e passou a estar na roda de conversas dos amigos e amigas. Bozon (2004) discute a “revolução sexual”, em meados dos anos 60, nos então países desenvolvidos. No qual, teremos uma reorganização do controle do corpo, uma ampla difusão de métodos contraceptivos médicos, antes quase inexistentes, associado a uma maior autonomia e controle do processo reprodutivo por parte da mulher. Em seguida, o impacto da adoção destes métodos contraceptivos modernos na vida sócio-familiar contemporânea, resultou na redução das uniões oficiais, com casamentos no civil e no religioso, a redução de filhos, a redução nos relacionamentos de longo prazo. Em relação aos velhos o autor aponta o aumento significativo da atividade sexual neste segmento.

Heilborn (2004) aborda acerca das transformações ocorridas nas relações entre família e sexualidade durante as últimas décadas a partir da ótica socioantropológica. Devido aos movimentos feminista e homossexual, o cenário da sexualidade contemporânea se encontra mais simétrico, porém, não ocupa um lugar de liberação sexual já que os constrangimentos sociais relacionados à sexualidade foram tanto modificados quanto acomodados às antigas prescrições de gênero. A autora ressalta também que as mudanças na esfera da sexualidade são comumente designadas à modernização dos costumes sexuais, referidos a mulheres e homens



e influenciados por fenômenos como o desenvolvimento de métodos contraceptivos hormonais nos anos 60 e a epidemia de HIV/Aids nos anos 80.

Alguns velhos trazem a sexualidade como um componente que não faz mais parte da sua vivência e do seu dia a dia, seja por não terem companheiros (as) ou por não terem mais interesse. (ARAUJO, 2016). Apesar da sexualidade ser algo natural do corpo humano, Araujo mostra que ainda existe muitos preconceitos socioculturais históricos com normas e dogmas rígidos que pesam sobre o comportamento dos velhos.

A cultura ocidental costuma olhar para a velhice e descrevê-los como decadentes, pois de acordo com essa visão eles são biologicamente e socialmente fracos. Mesmo que a sociedade não tenha um olhar que trate a sexualidade das pessoas em envelhecimento como algo natural. As mudanças no corpo não são fatores que impeçam uma vida sexual ativa e satisfatória (ROZENDO; MEDEIROS, 2015).

Na compreensão de Neri (2001, p. 69) “a velhice é a última fase do ciclo vital e é delimitada por eventos de natureza múltipla, incluindo, por exemplo, perdas psicomotoras, afastamento social, restrição em papéis sociais e especializações cognitivas”.

As pessoas tendem a olhar a pessoa mais velha como assexuada e sem libido sexual. É como se a pessoa velha tivesse que renunciar o sexo, pois tem que reservar o seu tempo unicamente ao papel de avó e avô, esquecendo-se as suas vontades, seus desejos, seus direitos. É quase impensável os (as) netos (as) olharem para as suas avós e imaginarem uma vida sexual ativa. E ainda mais não é só os familiares que põem empecilhos, temos alguns profissionais da saúde que na maioria das vezes não estão preparados para acolher essas demandas da contemporaneidade. Também não temos estímulo da comunicação sobre esse processo. (VIEIRA, COUTINHO, ALBUQUERQUE, 2016).

As mulheres historicamente são reprimidas sexualmente pela religião, pela moral familiar, pelos costumes. E uma das piores marcas deixadas por essa repressão é a falta de conhecimento do próprio corpo, o desconhecimento do direito ao prazer para si também e não só ao outro. É como se a mulher tivesse sido orientada e estimulada a esquecer a sua genitália. O sexo era apenas para a procriação. E a mulher tinha esse padrão como o comum, ela não buscava o prazer

sexual. A sua genitália era um órgão proibido, ela não se tocava e nem permitia o toque.

As mulheres quando envelhecem, passam a sentir medo e vergonha de demonstrar e viver sua sexualidade devido ao culto ao corpo jovem idealizado pela mídia que perpetua a convicção de que a sexualidade esteja ligada à beleza jovial, dessa forma elas passam a optar por uma postura mais discreta e reprimida (SOUZA, 2015).

A virgindade também tratada como uma questão moral, o qual a mulher deveria se guardar para o casamento e se casar virgem. Impedindo assim, dela ter vários parceiros durante a sua vida sexual.

As entrevistas apontaram que hoje há uma maior liberdade para essas mulheres vivenciarem sua sexualidade, a paquera e namoro como quiserem; embora algumas delas mostraram-se mais retraídas que outras, e isso se evidencia por conta da sua subjetividade forjada em uma sociedade cheia de tradição e moral sobre o que se podia ou não fazer.

Para Ballone (2007) alguns motivos que contribuem para uma visão errada acerca da sexualidade na velhice, é a falta de conhecimento acerca do assunto. Fora a educação opressora que temos durante toda a vida que interliga a atividade sexual com a procriação (RISMAN, 2005).

. Nos últimos anos do século XIX vem ocorrendo uma revolução na concepção e na prática da sexualidade. Isso tudo ocorre devido ao surgimento da pílula anticoncepcional e dos medicamentos para estimular a função erétil masculina o que afeta diretamente a atividade sexual dos mais velhos também.

Pascual (2002) revela a sexualidade como parte essencial da vida do ser humano que traz benefícios para a saúde, bem-estar. A velhice não pode e nem deve ser confundida com enfermidade. O abandono desses mitos e tabus está relacionado com mudanças profundas, trata-se de uma revolução cultural. Essas mudanças entre os velhos ocorrem de uma maneira lenta devido a forma que foram criados com a proibição do prazer sexual. Contudo, já presenciamos na fala das entrevistadas essas desconstruções.

Um ponto que acredito que deve ser abordado nessa discussão é acerca da Menopausa, e desse modo, cabe pontuar:

Na vida das mulheres, diferentemente do que acontece com os homens, existem marcos concretos e objetivos que sinalizam diferentes fases ou passagens de suas vidas, tais como a menarca, a ruptura do hímen, a última menstruação. São marcos visíveis no corpo físico e cada cultura os investe de sua rubrica. Na nossa cultura, historicamente, associam-se à menopausa inúmeras afecções (físicas e psíquicas). (TRENCH; SANTOS, 2005, p. 35).

Esse momento ocorre na faixa etária entre 40-60 anos que a mulher tem o cessamento da capacidade reprodutiva e passa por uma fase de irritabilidade, baixa autoestima, alteração de humor, diminuição na lubrificação e alteração na sexualidade. (SOUZA; ARAUJO, 2015). Por isso essa fase é bastante problemática e difícil para cada mulher devido as mudanças que o seu corpo sofre.

Nas palavras de Jerusalinsky (1996, p. 7) “não podemos mudar o curso da vida em direção à morte (o que por outro lado ninguém consegue fazer, a não ser transitoriamente), mas, certamente, podemos intervir no modo em que o sujeito humano fica implicado desse percurso”.

Entende-se que viver a velhice é algo subjetivo sujeito e que essas mulheres velhas precisam se expressar, fazer suas vontades, ter seus sentimentos respeitados quanto à velhice. Esta fase precisa ser falada a ponto de ser vivida como a melhor idade, o que deveria ser, e deixar de ser negada. Esse é um tempo de possibilidades, que os velhos buscam novas alternativas de vida, novos passatempos e valoriza a experiência de vida adquirida, sem receios de enfrentar novos desafios, pois estas já negligenciaram as suas vontades a vida toda pelos pais, maridos, filhos e netos

#### 4 SOCIABILIDADES NO FORRÓ DOS VELHOS

A pesquisa de campo no forró dos velhos iniciou em 2018 ainda na graduação e teve continuidade nessa dissertação em janeiro de 2020 com o retorno da pesquisadora ao espaço até março de 2020, porque logo em seguida se iniciou o *lockdown*.

O forró proporciona todo um jogo de sedução, do corpo, da dança, dos olhares, dos toques, dos gestos. É relevante pensar que a geração das mulheres de 50 anos atrás não vivenciava explicitamente esse jogo, pois a elas eram reservados os lugares privados, de moça recatada, que casava com o rapaz que o pai desejasse; as moças que fugiam dessa regra eram expulsas de casa, na maioria das vezes. E, atualmente, as mulheres têm a oportunidade de exercitar sua autonomia e frequentarem esses espaços.

O forró dos velhos é um espaço em que se expressam sentimentos, sensações, lembranças, desejos. Esse local tornou-se um espaço de liberdade, visibilidade para o envelhecimento feminino em Cascavel, Ceará. As mulheres velhas se redescobriram na dança. Como aponta o jornal Diário do Nordeste (16/10/2005) que publicou uma matéria intitulada “Dançarinos de Aluguel”:

Muitas mulheres buscam na dança um exercício físico alternativo, mas acabam descobrindo nela a sua própria *identidade* e um novo incentivo para viver cada dia como se fosse o último. Os resultados não são visíveis só no *corpo*, mais esbelto, como também na *auto-estima* e na *vaidade* que crescem significativamente.

O forró dos velhos que essas mulheres participam vai além de um simples momento para dançar, pois este envolve toques, paqueras, vaidades, o se maquiar antes de sair, qual roupa vestir, o perfume que irá usar. Possibilita um momento de sociabilidade, na qual Simmel (1983, p. 169) define como uma “forma lúdica de associação”, ou seja, formas de interação social que tem os seus fins em si mesmo. A sociabilidade cria um mundo artificial de troca, de desejos, de inimizades, cooperações, revanche, domínio que compõem a vida social (ALVES, 2004).

Segundo Simmel (1983, p.168), sociabilidade é “o sentimento de satisfação por estar fazendo sociedade em si. Estes sentem que a formação de uma sociedade como tal é um valor; são impelidos para essa forma de existência”.

Rocha (2015, p.120) argumenta:

A sociabilidade está relacionada às formas resultantes do processo de viver em contato com o outro, que ganham vida própria, e estão livres das amarras de conteúdos, existindo por si mesmas; ou seja, a sociabilidade é autônoma perante a sociedade: ela precisa dessa para existir, mas adquire as próprias formas, autonomizando-se.

Nesse sentido, as pessoas, em seu exercício de sociabilidade, abdicam de suas subjetividades para viver coletivamente, ou seja, em ambientes públicos renunciamos a nós mesmos, as nossas vontades e interesses para se incluir a totalidade social. Somos apenas um em meio a tantos e logo agimos de acordo com as regras, normas, paradigmas (ROCHA, 2015).

A sociabilidade é e deve ser vista como um momento de interação com outras pessoas, devendo haver um prazer com essa relação de troca, pois o indivíduo precisa se sentir satisfeito em compor o grupo. A sociabilidade é separar os seus elementos pessoais e subjetivos e se colocar em igualdade com os demais integrantes; ou seja, o indivíduo só se realiza pela interação com o outro, não sendo possível separar indivíduo e sociedade, pois não existe identidade-eu sem identidade-nós (POLTRONIERI, 2011).

No forró há toda uma fantasia e expectativa envolvidas. O entrelaçar de olhares que acontecem lá, os sorrisos e brincadeiras; logo, a pessoa precisa estar de acordo com o ambiente, com maquiagem, vestido, calça, uma roupa social, pois o vestuário é fundamental para as regras de comportamento da dança, de tal forma que essa, muitas vezes, se torna uma forma de competição entre os indivíduos (ALVES, 2004).

Mel (79 anos) frisa que: “danço em festa e me divirto” e assim como as outras entrevistadas, ela aponta esse momento como uma hora da distração, de alegria, de risos e até de paqueras.

A dança [...] é um “mundo social” com suas regras de conduta [...] Nele, as mulheres mais velhas fundaram uma possibilidade de valorização do próprio corpo e de sua condição feminina na velhice, fundamental para a consecução de um projeto de vida para elas hoje. O culto ao corpo é o cerne desse projeto e tem no baile uma dimensão de sedução e contato entre os sexos que não está presente em outras atividades que congregam pessoas mais velhas [...] o que elas procuram na dança [...] (é) a oportunidade do exercício da sedução (ALVES, 2004, p. 115)

O forró proporciona todo esse jogo de sedução, do corpo, da dança, dos olhares. É relevante pensar que a geração das mulheres de 50 anos atrás não vivenciava explicitamente esse jogo, pois a elas eram reservados os lugares privados, de moça recatada, que casava com o rapaz que o pai desejasse; as moças que fugiam dessa regra eram expulsas de casa, na maioria das vezes. Então, atualmente, as mulheres têm a oportunidade de exercitar sua autonomia.

As entrevistadas admitiram que antigamente mal saíam, “era da Igreja pra casa e só”, pois não havia a liberdade para elas saírem quando quisessem. Como aponta Raimunda (80 anos), que ficava “só em casa cuidando das coisas, mas pra forró, essas coisas... [...] Nós não tinha brincadeira”. Ela lembra ainda que teve um dia que mentiu para os seus pais: “[...] uma vez, as meninas chamaram para nós ir pro terço, mas não houve o terço, nós fumo pro corre cajueiro, sem dizer nada para o pessoal não é? Mas eu ia, porque as outras chamavam e eu ia no rumo delas... Aí eu ia, mas quando eu cheguei eu apanhei!”. Percebemos a educação rigorosamente religiosa que conduziu toda a juventude dessas mulheres nordestinas e que transmitiu seguramente os valores conservadores e tabus que carregam até hoje. Ir a um forró se trata, então, de um grande passo.

Clara (78 anos) relata sobre o seu início no forró: “antigamente era mais difícil porque toda vida eu gostei de dançar, mas nunca tive essa liberdade porque o meu pai era muito rígido”. E continua: “sabe quando foi que eu dancei forró a primeira vez, que eu dancei na minha vida? Eu já era casada, fui com meu marido, eu tinha 17 anos na época”. Esse relato, e outros que já demonstrei no decorrer deste trabalho, mostram o quanto essas mulheres só puderam se sentir menos pressionadas após saírem de casa, do domínio dos pais, mas que ainda tinham um olhar controlador, sendo este agora o do esposo. E vale ressaltar que todas se casaram novas e tiveram relacionamentos duradouros, sendo duas viúvas e três divorciadas.

Em relação a convidar alguém para dançar, Lis (72 anos) diz: “mulher... E eu fico... O pessoal fica dizendo assim... ‘mulher, porque tu não chama?’ e eu digo assim: ‘eu? Chegar assim... um bora dançar mais eu?’ Deus me livre! Chamo nada!”. Algumas das entrevistadas ainda se prendem a comportamentos construídos, como se fosse dever só do homem de convidar para a dança; já outras demonstram se

sentir mais à vontade para dançar só ou para convidar o homem ou uma mulher para dançar.

Quando questiono Clara (78 anos) sobre o comportamento dos seus filhos com as suas saídas, ela me responde rindo: “ah, minha filha. (Sorrisos). O meu filho, o meu filho, ele não acha ruim não. Ele até prosa comigo sabe? ‘Mamãe tenha cuidado quando a senhora vai para esse forró’. Ele aceita. A minha vida particular ninguém se intromete, ela é só minha”. Esse trecho da entrevista me deixou feliz, pois temos uma sociedade que começa a aceitar a liberdade das mulheres, principalmente a família, que em boa parte dos casos é a que mais oprime a mulher.

Alves (2004, p. 41) define a sociabilidade como “formas de interação social que têm seus fins neles mesmos”, onde esta cria um mundo artificial, em que tudo que compõe a vida social está ali presente, como o desejo de revanche e vaidades, que se encontram de forma reservada. Porém, a autora destaca que quando a sociabilidade passa a ser uma mentira, sendo utilizada como meio para alcançar outros fins, ela se transforma em uma farsa.

Nobert Elias (1995) destaca que o processo adotado no meio burguês de inauguração da civilização dos salões, tornou a sociabilidade “fantasmagórica”, pois esta deixou de ter a importância vital que tinha na sociedade corte e passou a ter uma dinâmica submetida ao sucesso profissional e financeiro, isso exigiu também um autodomínio da afetividade. Para ele, foi na sociedade de corte francesa, com o governo de Luís XIV, que as regras de comportamento e de relações sociais tornaram-se mais rígidas, ou seja,

A “racionalidade cortês” não baseia o seu caráter específico na preocupação de conhecer e dominar as forças naturais extra-humanas, como a racionalidade científica, nem, como a racionalidade burguesa, na estratégia ponderada do indivíduo que quer obter na competição garantia de força econômica. O que a caracteriza é basicamente uma planificação calculada do comportamento individual com vista a assegurar, na competição e sob pressão permanente, ganhos de estatutos e de prestígio mediante um comportamento adequado (ELIAS, 1995, p. 67).

Teremos a separação do espaço público e do privado e com isso a individualização que tornou as expressões externas em “auto pressões”. O que antes era controlado e vigiado pelos outros, passa a ser vigiado pelo próprio agente em seus espaços privados, na esfera íntima. Consequentemente, as explosões

emocionais só serão permitidas nos círculos mais próximos, com os parentes, grupos partidários, religiosos, vizinhos, etc.

As cidades modernas irão se desenvolver de diversas formas, sendo estas,

Palcos para encontros com desconhecidos, e diante desse cenário efervescente tínhamos que inventar novos modos de nos relacionar com os indivíduos que também estavam circulando nos novos espaços públicos. Seres civilizados inventavam maneiras de se relacionar com o estranho da cidade para dividir o espaço da circulação pública. Hoje, os deslocamentos realizados em espaços esvaziados de sentido nos impõem novos modos de interação. [...] Surgem (assim) vários modos de circulação na cidade que nos colocam novas formas de sociabilidades (MAIA, 2003, p. 50).

Aqui ainda se tem ditados de: “é porque ele é menino macho!”, “vocês viram como a filha de fulano estava vestida ontem?”. Tais pensamentos são resquícios da nossa sociedade machista e patriarcal, que nas cidades maiores ainda prevalecem, mas com menos força.

Podemos dizer que a cultura urbana que nasce na modernidade é contraditória por ter características múltiplas [...] Ela vai crescer e se reproduzir em diferentes domínios do social. Vai transformar modos e estilos de vidas sociais, profissionais, sexuais, enfim, relacionais de maneira ampla. Vamos investigar alguns desses fatores que mudaram as imagens que criamos sobre a cidade de acordo com a efervescência do “espírito do tempo” (MAIA, 2003, p. 53).

Logo, o forró dos velhos tornou-se um espaço de lazer e entretenimento para muitos homens e mulheres que querem se divertir com uma boa dança e uma boa companhia. E, apesar deles não perceberem, estão deixando um novo legado para a nova geração que está envelhecendo, que serão menos julgados, ou talvez nem sejam daqui um tempo.

As relações afetivas no forró não permanecem e não se estendem para a vida delas fora daquele espaço como Célia (71 anos) aponta “a gente só dança mesmo, nada a mais do que isso”. Sendo assim, elas demonstram não ter afetos com nenhum participante do “forró do velho”.



**Figura 1 – Forró dos velhos**



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

**Figura 2 – Fachada da Quadra**



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

**Figura 3 – Quadra**



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

**Figura 4 – Forró dos Velhos**



Fonte: elaborado pela autora, 2021.



**Figura 5 – Forró dos Velhos**



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

As imagens mostram a organização do espaço desde a sua entrada até o seu funcionamento em sua normalidade até março de 2020. Podemos visualizar um pouco da dinâmica desse espaço e as suas grandes lotações com os seus dançantes antes da pandemia.

## 5 RECONFIGURAÇÕES DO LAZER EM TEMPOS DE PANDEMIA

*“A pandemia mudou a minha vida...”*  
(Clara, 78 anos)

Dentre tantas questões gritantes que estavam invisibilizadas no Brasil que foram potencializadas com o surgimento da COVID-19, uma delas é a situação do envelhecimento brasileiro. Diante do impacto da COVID-19 por onde passou que teve nas vidas desse segmento populacional, podemos destacar a morte. Estatísticas pelo mundo só confirmaram que os mais velhos eram as principais vítimas e, portanto, deveriam ser considerados como prioridades pelo olhar público (CORREA; JUSTO, 2021). Contudo, o que era um gesto de cuidado e proteção, rapidamente assumiu um significado de responsabilização, tutela, vigilância, controle e discriminação.

**Figura 6 – Notícia da Gazeta**



Fonte: Correa; Justo (2021).

Os velhos tornaram-se um ponto de embate na política brasileira. Parte das divergências queria adotar medidas com um enfoque seletivo de isolamento somente para eles contra a pandemia, visando que a economia não parasse juntamente com as outras atividades. Outro lado queria estender para todas as faixas etárias, visto que os filhos, netos, familiares teriam contato com esses idosos

e mesmo assim correria o risco de contágio do vírus para eles. (CORREA; JUSTO, 2021).

De todas as formas, os velhos passaram a ser eleitos como um dos segmentos nevrálgicos da pandemia. Se já eram uma questão para o Governo, a pandemia os tornou um problema ainda maior como aponta Henning (2020). A vulnerabilidade deles ao vírus “já seria de cortar o coração se considerássemos somente o risco de contaminação do vírus em si [...], contudo torna-se um dado inquestionável que os mais jovens deverão ser priorizados quanto a leitos e respiradores em caso de lotação ou falta de equipamentos.” (HENNING, 2020, p. 6).

Goffman entende sobre o isolamento que:

(...) é preciso refletir sobre o seu isolamento com o mundo exterior. Para ele, toda concepção tem tendência de deteriorar. [...] é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico, por exemplo, portas fechadas, paredes altas, etc. (GOFFMAN, 1974, p. 16).

“As restrições na vida social, o isolamento e a falta de interação com a comunidade são apontados como fatores limitantes a qualidade de vida dos idosos.” (QUINTINO *et al.*, 2020, p. 4). Pois temos como consequência da pandemia o distanciamento que impossibilita as saídas e a circulação dos velhos para festas, templos religiosos, comemorações ou qualquer outro tipo de encontro que aglomere pessoas (SOUZA, 2020).

Bauman (1999, p. 56) corrobora que “a solidão passou de infortúnio episódico a condição padrão”. E esse sentimento se faz presente na rotina atual dos velhos que estão se adaptando e aceitando essas novas condições impostas, produzindo respostas emocionais não agradáveis. “Seja qual for a intensidade do afastamento social, a qual pode ser vivido de forma adaptada, trazendo ao indivíduo um sentimento de baixa autoestima, depressão e desespero, favorecendo um maior isolamento” (FERREIRA, 2015, p.10).

Lima, *et al.* (2020), realizaram uma pesquisa on-line que contou com 2.259 participantes cearenses frente à pandemia de COVID-19 aqui no estado, e mostrou que os idosos participantes da pesquisa informam que nem sempre é possível realizar a quarentena em sua totalidade, devido ao fluxo de pessoas mais jovens em casa, que precisam sair para trabalhar, ir ao mercado e farmácias.

Outra pesquisa de Lins *et al.* (2020) mostram que o tempo na quarentena não é tomado como lazer para os velhos como apontam os dados: ócio 9,40%; lazer 1,1%; tempo livre 19,90% e outro 69,60%. “As atividades antes bem delimitadas e voltadas para o trabalho, lazer, ócio, obrigações familiares, religiosas, etc. foram entrelaçadas, reorganizadas e vividas, agora todas realizadas em casa, no âmbito do próprio lar.” (LINS *et al.*, 2020, p.10). As prioridades dos velhos foram modificadas com a pandemia e as palavras que mais estão escutando são:

**Figura 7 – Palavras mais mencionadas por idosos no contexto de pandemia**



Fonte: Lins *et al.* (2020)

Coincidentemente, essas são as palavras mais mencionadas pelas cinco entrevistadas desta pesquisa, também durante as conversas realizadas com elas em seus isolamentos da pandemia. É importante destacar que a população, especialmente os velhos, vem sofrendo impactos psicológicos e sociais em seus mais variados níveis de intensidade e gravidade e esse contexto está se intensificando bastante. (FIOCRUZ, 2020)

“Nesse sentido, sobre os idosos expostos a tal situação de quarentena, é compreensível a vivência de reações emocionais e comportamentais que lhes geram estresses e dificuldades” como “saúde, solidão e tristeza diante da perda de contato com atividades realizadas fora de casa, além da vivência do medo e

preocupação em relação a sua própria saúde e das demais pessoas próximas” (LINS *et al.*, 2020, p. 15).

### 5.1 Do forró a casa

“Minha vida antes da pandemia era outra, eu saía, ia ao forró, ia a igreja, ia ao CRAS, via minhas amigas. Eu detesto usar máscara, detesto ficar em casa, presa.” (CLARA, 78 anos). E ainda mais “o forró era o lugar que eu me sentia bem, dançava, ria, dava aquela paquerada né, era bom demais. Já fazia 20 anos que eu ia direto, sem faltar uma.” (CLARA, 78 anos). Esse é um dos relatos de uma das entrevistadas dessa pesquisa no dia 03 de março de 2021 acerca da interrupção do forró em março de 2020, há mais de um ano em casa, sem poder ir aos forrós que tanto amava.

Quando questiono Mel (79 anos) sobre como está sendo longe dos forrós, ela me responde que “jamais imaginei passar por isso novamente” se referindo a não ter mais autonomia de sair. Percebi bastante nos relatos das entrevistadas a angústia de ter sua liberdade diminuída devido o advento da pandemia.

Podemos destacar o quanto a vida ativa destas mulheres velhas mudaram com o advento do COVID-19, estas que tinham a liberdade para sair de casa e ter um ciclo de amizades e relações presenciais, tiveram que atualmente “abrir mão” disso e aderir aos recursos tecnológicos para minimizar os impactos, como alega Clara (78 anos) em 03 de março de 2021: “é minha fia, tô tendo que usar o celular direto, já que não posso sair”. As rotinas de todas elas foram reorganizadas e o lazer delas foi ressignificado no interior de seus lares.

A liberdade e a autonomia delas são altamente valorizadas, já que foi uma conquista recente e demorada. Ansiaram a vida toda para desfrutar a vida como estavam fazendo, por isso o medo com o COVID-19, pois além de tirar o poder do seu ir e vir, as cercam com o medo da finitude da vida, se estas contraírem o vírus.

A palavra “saudade” foi a que mais se destacou nas cinco conversas, quando eu mencionava acerca do forró. Estas sentem faltam do lazer e das sensações que o forró proporcionava a elas antes da pandemia. A liberdade de poder se divertir, rir, ser feliz e paquerar.

Célia (71 anos) em 06 de abril de 2021 me relatou o quanto estava estressada com tudo o que está acontecendo: “mulher, tô sem paciência sabe... só em casa nesse celular”. Segundo Moraes (2020), o confinamento “implica em níveis elevados de estresse e pode comprometer a saúde mental das pessoas, pois a diminuição das interações sociais prejudica o sentimento de pertença do sujeito a determinados grupos que o auxiliam em momentos de crise.” (MORAES, 2020, p.4).

E ainda mais o isolamento compulsório, para o controle da pandemia, exigiu para os velhos uma rede de apoio de pessoas próximas, a exemplo dos vizinhos e familiares para o suporte de compras de alimentos, medicamentos e outras necessidades para a manutenção da vida (HAMMERSCHMIDT; BONATELLI; CARVALHO, 2020).

Clara (78 anos) me revelou que quem faz todas as suas compras são as suas netas e ela não está saindo de casa por conta do medo. E quando sai, é em um caso extremo como ir ao médico ou algo parecido. Já Célia (71 anos) mora sozinha e não conta muito com o apoio dos filhos no dia a dia e pede ajuda dos vizinhos para evitar sair de casa. No bairro que elas moram não chegou ainda à onda de entregas por aplicativos e mesmo que houvesse chegado, estas ainda não estão habituadas a essas tecnologias.

Acerca da liberdade e socialização, Hammerschmidt e Santana (2020) pontuam que a autonomia e a independência dos velhos são essenciais para o envelhecimento saudável, e privá-los ativos em casa, neste momento para evitar o contágio mostrou-se uma medida necessária. (OLIVEIRA et.al., 2020).

Raimunda (80 anos) em 12 de abril de 2021 ressaltou que está sendo bastante controlada e vigiada por todos e não está gostando de tanta atenção, apesar de saber que é importante. Temos vários discursos que circulam em nossos meios, em condições atuais de pandemia, associada à dificuldade de compreensão das precauções que, de um lado, visa à proteção do idoso, mas, por outro, resulta também na estigmatização do idoso por desobedecer às regras. Reforça o conceito de velhice que era discutido anteriormente e estava sendo desconstruído. (OLIVEIRA et.al., 2020).

O “fórró dos velhos” é um espaço considerado de lazer para as entrevistadas desse trabalho, pois ele traz muitos elementos para a classe popular de pertencimento que não encontram em outro espaço gratuito para se divertir e



socializar com os amigos. Contudo, esse espaço foi interrompido por conta da pandemia e elas estão tendo que ressignificar o lazer em suas casas.

O lazer é “uma necessidade humana e como dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social” (GOMES, 2011, p. 19). Ou seja, inclui as diversas práticas corporais, a festa, o cinema, o teatro, a pintura, a literatura, o desenho, o jogo, a brincadeira, o artesanato, as diversões por meio da internet, a música e outras possibilidades (GOMES, 2011).

Essas vivências ocorrem em tempos livres, sem obrigações da vida cotidiana, embora Marcellino (2013) afirme que nenhum tempo é livre de normas e coações sociais. Pois existem escolhas pessoais acerca desse lazer que pode ser em busca da melhoria da saúde e da qualidade de vida. Logo, o lazer é um importante dispositivo de promoção da saúde e da qualidade de vida (BATISTA; RIBEIRO; JUNIOR, 2012).

Para ter uma qualidade de vida, Gonçalves (2010) aponta que tal fato abrange os estilos de vida, questões objetivas como o acesso à educação, o desenvolvimento sustentável, o índice do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de uma localidade, o trabalho, lazer etc. E vale ressaltar, que o lazer é um fenômeno complexo e torna-se uma obrigação assim como os outros pontos (RIBEIRO, *et al.*, 2020).

Gomes (2011) aborda que o lazer se “relaciona com a cultura local e global, e pode ter vários significados para os sujeitos, para os grupos sociais, para as instituições e para a sociedade que as vivenciam histórica, social e culturalmente” (GOMES, 2011, p. 20). O sociólogo francês Joffre Dumazedier (1980) classifica essas vivências em cinco tipos: físico-esportivos, artísticos, manuais, intelectuais e sociais.

Nos interesses sociais, que é o foco desta pesquisa, ele traz que “o que motiva a participação é o contato, o encontro e a interação com outras pessoas. Exemplos são as festas, os churrascos, a participação em encontros de convivência, a frequência a bares e restaurantes e a danceterias etc.” (RIBEIRO, *et al.*, 2020, p. 8).

Freire e Sartório (2015) ainda apontam que “quando uma cidade não conta com espaços públicos próprios para a prática do lazer, o aproveitamento da vida

cotidiana acaba por ocorrer em ambientes livres” (LIMA; JUNIOR, 2018, p. 130), como “ruas, calçadas e praças, por exemplo. No caso, qualquer espaço que propicie o encontro e a interação social passa a se configurar como um recinto possível do lazer a partir da sociabilidade” (LIMA; JUNIOR, 2018, p. 130).

Com a quebra da rotina causada pela pandemia e pelo distanciamento social, temos a problematização da internet como uma possibilidade de vivência de lazer e de acordo com Schwartz (2003) o “conteúdo virtual do lazer são preservadas as relações com a vontade humana de se distrair e de se entreter” (p. 29). No que diz respeito às atividades que necessitam da internet para serem acessadas, como as redes sociais, os jogos online, as diversas séries etc.

Há a necessidade de se compreender as possíveis ressignificações das novas relações sociais durante o período de pandemia. Como já mencionado por Reiquia (1980, p.83) “o espaço doméstico é, por excelência, o espaço para o lazer”, no qual estamos presenciando o ambiente de trabalho (home office), de estudo (Ensino a Distância -EaD) etc. De acordo com Padilha (2004, p. 218) “a vida em coletividade é regida pela articulação desses tempos sociais, enquanto cada indivíduo percebe e controla o tempo internamente”.

Bramante (2020) aponta o lazer como:

Uma dimensão humana privilegiada para poucos, que se traduz pela vivência lúdica possível, realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade, na maioria das vezes, num tempo-espaço conquistado limitado, cuja qualidade está vinculada a um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes adquiridas ao longo da vida. Trata-se de uma expressão genuína de vida, que valoriza a magia do inesperado, a subjetividade da experiência única, a riqueza dos sonhos e a gratuidade das relações humanas na plenitude da existência (BRAMANTE, 2020b, n.p.).

Gomes (2008) reitera que o lazer é um “campo possível de sensibilização, conhecimento e mobilização político-pedagógica em nossa sociedade, no sentido de compreendê-la para ajudar a torná-la mais humana e democrática”, onde “experiências críticas e criativas de lazer resistem à lógica excludente do capital, expõem as suas mazelas e descortinam novas possibilidades, pautadas em outros princípios e valores éticos”, que associados à dimensão humana, destacam seu caráter político-pedagógico, de educação das sensibilidades e concepção do ser humano e da vida como uma totalidade (GOMES, 2008, p.10).

Isayama e Gomes (2008) ressaltam que o lazer na velhice “propicia o exercício de tomada de decisão, bem como a ampliação de oportunidades de

integração e convívio sociais. Destacam que é importante atribuir às experiências de lazer significados pessoais para o grupo envolvido, estimulando iniciativa, independência” (MOURA; SOUZA, 2012, p. 176).

As aposentadorias insuficientes são um fator que impedem as mulheres velhas de desfrutarem a sua velhice com total liberdade e independência e quando estas adoecem esse se mostra um fator ainda mais determinante, pois perdem seu controle financeiro que é submetido a algum responsável familiar (SILVA *et al.*, 2006).

Segundo Hammerschmidt e Santana a utilização da tecnologia também tem as suas questões, pois podem “[...] possibilitar aproximação social, porém, historicamente, a população idosa brasileira apresenta baixa escolaridade e dificuldade de acesso aos recursos tecnológicos” (2020, p. 2). E isso se concretiza no dia a dia dos brasileiros como presenciamos com Raimunda (80 anos): “eu nem sei pra onde vai com celular, por isso eu nem tenho mulher, já que eu não sei lê.”

Como observamos, nem sempre o manuseio dessas ferramentas é acessível e fácil para todos. É preciso considerar que nem todos os velhos brasileiros utilizam esse meio de interação com outras pessoas para amenizar e aliviar o distanciamento social em função do COVID-19 (IRAGARAY, 2020), como aponta Mel (79 anos) durante a entrevista que não tem condições de comprar um aparelho celular, pois sustenta a sua família com o dinheiro da aposentadoria e seu dinheiro ainda vem descontado por conta dos empréstimos que tem com o banco.

Angústia intensa, medo, insegurança, incertezas, sofrimento psíquico são sensações confessadamente vilipendiadas pelo atual Governo Federal que atravessam as narrativas das interlocutoras desta pesquisa em todo o percurso das entrevistas. Estas receiam por tudo o que está acontecendo.

O envelhecimento brasileiro é heterogêneo, existem diversas formas de vivenciá-la. A respeito disso, Debert (2004, p. 93) afirma que: “[...] classe social, etnicidade e arranjos de moradia dariam dimensões tão específicas ao envelhecimento que dificilmente poderíamos pensar na velhice sem especificar os grupos aos quais estamos, de fato, nos referindo”.

Dessa forma, as entrevistadas demonstraram que o seu lazer está sendo em casa, algumas com os celulares e redes sociais e outras apenas com a televisão, já que não possuem ou aparelhos telefônicos ou não sabem manusear essas

tecnologias. As saídas foram proibidas e as calçadas também, lhe restando apenas os interiores de suas casas.

## **5.2 A felicidade no contexto de pandemia**

Nessa discussão, podemos destacar o quanto esse contexto frustrou a felicidade dessas mulheres velhas. E o sentimento de felicidade ao longo das décadas tem sido “considerado como um dos melhores indicadores de bem-estar” (PORTELLA *et al.*, 2007, p. 2). Esse fator é um condicionante para a de qualidade de vida e de saúde de pessoas velhas também. (LIMA; BARROS; ALVES, 2012).

As entrevistadas apesar das frustrações que estão passando nesse momento estão buscando encontrarem o seu equilíbrio e serem felizes com o que tem durante esses meses também. Como aponta Raimunda (80 anos) “mesmo com o medo, eu continuo feliz, minha família tá bem, é isso que importa”.

Os indivíduos durante a sua trajetória de vida, buscam pela felicidade plena. A felicidade, para muitos, pode ser o ato de “trabalhar, produzir, ganhar dinheiro, consumir, seguir a moda, satisfazer desejos de forma compulsiva e imediata”. (LIMA; BARROS; ALVES, 2012, p. 2) Contudo, alguns autores afirmam que a busca por uma felicidade mais consistente segue referências mais profundas, como a “realização pessoal, execução de um projeto de vida com propósitos, enaltecendo qualidades subjetivas ou da alma, como o cuidado de si, a autoestima, o autoconhecimento, a satisfação racional dos desejos e prazeres.” (LIMA; BARROS; ALVES, 2012, p. 2) E ainda podemos citar pontos mais como a participação em grupos de convivência, o convívio familiar, a saúde integral, a autonomia, a dignidade, a sexualidade, a espiritualidade, a paz etc (LUZ; AMATUZZI, 2008; WIBELINGER, 2014; PESSINI, 2014).

Para Serafim (2009), o conceito de felicidade “se baseia no bem-estar subjetivo, ou seja, na compreensão do indivíduo no quanto ele está bem ou satisfeito com sua vida.” (CARVALHO, 2020, p. 35). Satisfação é um estado subjetivo do ser humano. É difícil mensurar, todavia reflete a subjetividade do indivíduo. (JOIA; RUIZ; DONALISIO, 2007)

O “envelhecer bem” também estar interligado com a felicidade do indivíduo nas quais se entrelaçam diversos elementos subjetivos, como a esperança, religiosidade, trabalho, família, amizade, saúde, capacidade cognitiva, alcance dos

objetivos etc. (DENDENA *et al.*, 2011). Assim, Diener (2004, p. 45) define o bem-estar subjetivo e felicidade em três categorias:

A primeira, concebe o bem-estar através de critérios externos, como virtude ou santidade, ou seja, a felicidade não é pensada como um estado subjetivo, e sim como qualidade desejável. A segunda compreende o bem-estar através de concepções feitas por cientistas sociais que investigam como as pessoas avaliam suas vidas e determinam o que é a vida feliz. E a terceira categoria do bem-estar acredita na preponderância do afeto positivo sobre o negativo; evidenciando experiência emocional, tanto positiva como negativa de satisfação ou prazer durante um período específico da vida, ou o quanto a pessoa está predisposta a essas emoções.

Para Snyder *et al* (2009), a felicidade é um estado durável de plenitude, satisfação e equilíbrio físico e psíquico.

Estudos demonstram que mulheres idosas revelam se sentirem felizes com a vida, mesmo diante das adversidades enfrentadas durante todo o extenso processo do envelhecer. Afirmam a importância da crença, da fé, da união das famílias, na saúde e na paz como elementos que geram a felicidade. Esses dados evidenciam o processo do envelhecer como uma experiência única de aceitação, considerando a multidimensionalidade e a integralidade do ser (PORTELLA *et al.*, 2017, 37).

Luz e AmatuZZi (2008) revelam em seus estudos que revela que a experiência de felicidade para os velhos está na adaptação destes ao processo das transformações trazidas pelo envelhecimento. No qual as pessoas precisam manter o seu equilíbrio com as perdas e ganhos nessa idade (YOKOYAMA *et al.*, 2006). E isso se encaixa muito bem na fala da Célia (71 anos) que diz “eu tô feliz, estou conseguindo seguir todas essas restrições, só sinto falta de todos, mas já já tudo isso passa”.

A família é apontada como a fonte prioritária para o suporte e apoio à pessoa ao seu curso de vida, principalmente na velhice (RESENDE *et al.*, 2007). Um estudo realizado por Molly (2017) nos Estados Unidos da América, concluiu que a satisfação com a vida e a felicidade são decorrentes do convívio com familiares e amigos, diminuindo, inclusive, os índices de depressão.

Ainda, “a família deve ajudar o idoso a viver melhor, não como um peso, mas como integrante do sistema familiar” (LUZ; AMATUZZI; 2008, p. 306). Moraes e Souza (2005) associam satisfação com a vida ao relacionamento com os familiares e amigos, à saúde e ao bem-estar.

Seguindo essa linha de pensamento Ribeiro (2010, p.76) traz que “O que traz satisfação na vida é o amor, são os filhos, a união da família e ter saúde”. E ainda mais, para Dendena *et al.* (2011) tem o fator da religiosidade também como determinante na velhice, em função da proximidade da morte, no qual a iminência da finitude da vida pode estender o desejo pela oração em busca do conforto espiritual.

Maldaun *et al.* (2008) ressaltam que a religiosidade nessa fase da vida, é fundamental para os velhos, pois atribui significado à vida das pessoas, influenciando no seu bem-estar subjetivo e paz. Chaves et al. (2014) desenvolveram uma pesquisa com 287 idosos em uma unidade da Estratégia Saúde da Família, sobre qualidade de vida, depressão e o significado da religiosidade, em que concluiu que “97% consideram a religião como importante ou muito importante em suas vidas” (p. 651). Dessa forma, podemos compreender que a religião é um suporte psicológico que propicia satisfação com a vida, felicidade e autoestima.

Gutz e Camargo (2013) realizaram um estudo com 30 idosos que apresentou que a espiritualidade é um dos recursos para enfrentar “situações adversas, constituindo-se de aspectos emocionais e motivacionais na busca de um significado para a vida” (p. 793). (LAWLER; YOUNGER, 2002; POWELL; SHAHABI; THORESEN, 2003; SOLOMON, 2003).

### **5.3 Velhos e Memes**

*Memes* sobre os velhos pulando o muro de casa, retratados de modo infantil, trancafiados, desafiando a exigência de isolamento social circulam as redes sociais. Embora nas últimas décadas tenham surgido estudos positivos acerca do envelhecimento positivo, melhor idade, velhice ativa. Tal circulação de imagens acaba mostrando uma ideia de pessoas velhas como sem autonomia (HENNING, 2020). E ainda mais, isso mostra o tratamento discricionário e preconceituoso com o qual o velho é tratado e que a pandemia tornou mais visível (OLIVEIRA et.al., 2020).

A internet tornou-se desde o seu advento, em meados de 1990, um dos meios de comunicação essenciais para os relacionamentos entre os usuários. Desse modo, esse meio é um espaço em que são produzidos e postos em circulação diversos conteúdos diariamente que podem ser polêmicos ou não em nossa

sociedade. Uma de suas características é a rapidez que um conteúdo é disseminado e propagado amplamente de um local ao outro. A internet não tem barreiras, não tem limite, ela chega rapidamente em seu receptor (INSFRAN; CHAVES, 2020).

Uma das novidades que a internet proporcionou para um diálogo com humor e crítica ao mesmo tempo, é o *Meme*. O termo *meme*, embora usado recorrentemente nas redes sociais da internet, não se originou no ambiente virtual e nem sempre esteve associado a fotos e vídeos bem-humorados. Foi cunhado pelo biólogo e etnologista Richard Dawkins em 1976 que sugere que a transmissão de ideias, hábitos e comportamentos culturais é análoga à transmissão genética. Para o autor “o estudo dos *memes* está relacionado diretamente com o estudo da difusão de informação e de que tipo de ideia sobrevive, assim podendo ser passada de pessoa a pessoa. Trata-se, então, de uma forma básica de aprendizado social, através da imitação” (INSFRAN; CHAVES, 2020, p. 3).

O conceito de meme de Dawkins extrapolou a biologia e logo passou a ter adeptos em outras áreas do conhecimento. Entre usuários da internet e integrantes de comunidades virtuais, o *meme* passou a designar “[...] um tipo de conteúdo digitalmente produzido capaz de sofrer sucessivas reapropriações” (CHAGAS *et al.*, 2017, p. 175)

Em 2020 e 2021 presenciamos diversos memes em tons de brincadeira circulando pelas redes sociais no Brasil inteiro em relação aos velhos e COVID, no qual destaque os seguintes:

Figura 8 – Exemplos de memes



Fonte: Site Uol (2020)

Durante a pandemia de Covid-19, os órgãos sanitários definiram critérios para estabelecer o “grupo de risco” e os velhos entraram nesse grupo. Contudo, estes, continuaram sendo vistos nos espaços públicos das cidades, o que gerou comentários e *memes* acerca de seus comportamentos e foram considerados como teimosos. (FARO et al., 2020). As mulheres desta pesquisa quando questionadas



acerca dos *memes* que circularam pelas redes sociais, estas falaram que eram engraçados, mas que reforçava mais o confinamento delas e os cuidados parentes com elas.

Percebemos que o Covid se tornou um desafio gigantesco para a população velha que além de sofrerem com o isolamento, o medo, ainda tem as brincadeiras que circulam nas redes sociais que dificultam ainda mais esses dias de aflição, medo e anseios que esse segmento vem enfrentando nesse último ano (SILVA et al., 2020).

Conforme Chacra (2002) é demonstrado o papel fundamental da família e das redes sociais de apoio, na promoção da saúde e no enfrentamento de momentos difíceis. O fortalecimento das relações produz saúde e incrementam a capacidade de enfrentar eventos críticos e mobilizar recursos adequados.

“A gente vai passar por isso, se Deus quiser” (CLARA, 78 anos). Observa-se que durante os processos difíceis, os indivíduos buscam apoio na fé para se confortar e buscar respostas acerca daquela experiência (SOMMERHALDER *et al*, 2006). Como afirma Coronago *et al.* (2020, p. 254):

Existem linhas de pensamento que admitem que a religiosidade e a espiritualidade sejam recursos de enfrentamento. Significa dizer que as pessoas buscam, em um poder transcendente ou em um ser supremo, através dos recursos cognitivos, emocionais e sociais proporcionados pela crença, forças para enfrentarem situações inusitadas.

A fé “constitui-se como dimensão que atua nos aspectos subjetivos das pessoas, oportunizando conforto e amparo diante de situações difíceis, cria condições para o enfrentamento de momentos de crise” (COMIN *et al*, 2020, p. 6). Desse modo, ela deve ser considerada enquanto elemento ligado diretamente aos aspectos psicológicos/subjetivos dos sujeitos.

A morte passou a ser escutada e lida diariamente nesse contexto pandêmico. Todos os dias os jornais da TV comunicam e alertam que em 24 horas tivemos 2.100 mortes, 2.800 mortes, 3.100 mortes, além de noticiarem também os novos infectados no Brasil e no mundo. Esses dados assustam, preocupam e dão medo a todos, principalmente os velhos. Estes últimos passam a não ser comunicado imediatamente da morte de amigos e parentes, para não causar desconforto ainda.

Famílias e grupos buscam saídas mais reconfortantes para dar notícias tristes (COMIN *et al*, 2020).

Ressalto que com o início das campanhas de vacinações, primeiramente dos trabalhadores da saúde, em janeiro de 2021 e logo em seguida dos idosos, em abril, esse contexto de medo e insegurança da morte foi amenizado com a esperança e a confiança na ciência com dias melhores.

Vivemos tempos que não estão sendo nada fácil a nenhuma geração, o que pode ser apreendido de diversas formas. Todos, em especial as mulheres desta pesquisa, estão tendo que ressignificar esse momento para permanecerem calmas e buscarem ser felizes nas adversidades também.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto no curso desse estudo, percebemos as ressignificações acerca do envelhecimento feminino ao longo dos séculos. No qual, historicamente as mulheres sofreram muito para conseguir sair do âmbito privado que lhes eram destinados, pois sempre foram vistas como inferior perante o homem.

A pesquisa que aqui conseguiu mostrar que ser mulher e ser velha ainda está em construção na nossa sociedade que ainda carrega tabus e preconceitos; o que aos poucos vem sendo desconstruído, como mostra a vivência dessas mulheres, que se sentem felizes e libertas de um passado opressor e machista.

Temos um novo contexto para a mulher velha, que passa a desfrutar de algumas liberdades e vivências, antes não permitidas e vivenciadas. Temos mulheres como mais autoaceitação de seus corpos e cabelos grisalhos. Temos mulheres que amam se maquiar e usarem trajes e acessórios considerados chamativos para a sua idade. Entretanto, apesar das mudanças, ainda percebemos o machismo, o preconceito e a discriminação com essa mulher, que apesar de ser livre ainda é diminuída pela sociedade patriarcal, em todas as faixas etárias, classes e identidades étnico-raciais.

Conseguí responder às inquietações que tinha no início dessa pesquisa, sendo a primeira: Como está se desenrolando o envelhecimento feminino, tendo como foco um grupo de mulheres frequentadoras de festas de forró em Cascavel-CE. Sobre esse ponto, as entrevistadas trouxeram aspectos positivos sobre essa nova forma de envelhecer no século XXI, que foi diferenciada de suas avós e de suas mães, que se mantiveram sempre no âmbito privado com o esposo e os filhos.

A minha segunda inquietação foi: Como os papéis sociais de gênero se revelam no cotidiano da vida dessas mulheres? Em relação a isso, foi possível perceber em suas falas que suas vidas mudaram bastante após a separação ou a morte dos esposos, de modo que elas puderam ter mais autonomia e independência, ditando elas mesmas o que fazer ou não, que lugar ir ou não. Elas, embora não entendam esses papéis sociais de gênero que já estão inseridos nas suas rotinas e nas construções da sociedade, conseguiram notar algumas diferenças entre os dois sexos.

E a minha última inquietação foi: Como está sendo o processo de ressignificação do lazer no contexto de pandemia? Sobre essa questão foi notável a

angústia destas com o advento da pandemia no mundo, devido as perdas que estas tiveram e o medo da finitude de suas vidas que as cercaram a todo instante. Além do isolamento que elas tiverem que ter, trancadas em casa, com a perda da tão sonhada liberdade que foi uma conquista alcançada recentemente.

Um problema que já era notado antes do advento do COVID-19, é a falta de investimento do órgão público em atividades de lazer para a população velha. Desse modo, que possamos focar a nossa atenção para a cobrança de políticas de lazer pelos órgãos públicos que procurem enfrentar o problema de frente, compreendendo à ausência de políticas específicas sobre a situação destas mulheres velhas que já eram esquecidas pelas práticas do Estado e no atual contexto se aprofundou essa crise e esquecimento.

Que possamos contar e conviver com pessoas que compartilhem ideais de construção coletiva, que acreditam que sempre há como melhorar, e que, como dizia Paulo Freire, “é compartilhando poder que nos tornamos mais poderosos” (SAUL, 2012, p. 3), ele incentiva-nos a continuar fortes, mesmo tendo que lidar com as contradições dos governos falhos, e ideias mal construídas.

Podemos observar ao longo do percurso traçado o quanto as mulheres são sinônimas de luta e resistência. Que foram capazes de enfrentar diversas adversidades que surgiram em suas trajetórias no decorrer de suas vidas, tendo estas como objetivo conquistarem o seu espaço.

Uma vitória que gostaria de encerrar esse trabalho é comunicando que todas as cinco entrevistadas estão bem e vacinadas com as duas doses. Viva o SUS!

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretária de Atenção à Saúde. **Estatuto do Idoso**. 3. Ed. 2 reimpr. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <[http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto\\_idoso\\_3edicao.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf)>. Acesso em 26 de mar. de 2020.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Manual de enfrentamento à violência contra a pessoa idosa**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/publicacoes/violencia-contra-a-pessoa-idosa>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

AIDAR, Maria Aura Marques. **O “fardo” da velhice e do envelhecimento: subjetividades e políticas públicas no Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós Graduação em História.

ALMEIDA, Lucimêre Alves de.; PATRIOTA, Lucia Maria. **Sexualidade na terceira idade: Um estudo com idosas usuárias do programa saúde da família do bairro das cidades – Campina Grande/PB**. *Qualitas Revista Eletrônica*. Campina Grande – PB. ISSN - 1677-4280. 2009. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/397>>. Acesso em: 26 de fev. de 2020.

ALVES, Andréa Moraes. Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. In: BARROS, Myriam Moraes Lins. (org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ALVES, J. E. D. **A pandemia da covid-19 e o envelhecimento populacional no Brasil**. In: *Rev. Longeviver*, Ano II, n. 7, Jul/Ago/Set. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/841/901>. Acesso em: 16 de mar. de 2021.

ANTUNES, Ester Santiago Duarte Carqueijeiro. *et al.* Considerações sobre o Amor e a Sexualidade na Maturidade. **Pensando famílias**. Porto Alegre, RS. v. 14, n. 2, p. 121-138, 2010.

ARALDI, Marilani. **A descoberta de projetos de vida – contribuição do projeto idoso empreendedor no processo de envelhecimento**. Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis: 2008.

ARAUJO, Ana Cláudia Fernandes. **Rompendo o silêncio: desvelando a sexualidade em idosos**. *UNILUS Ensino e Pesquisa*, v. 12, n. 29, p. 34-41, 2016.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BALLONE, G. J. **Sexo nos idosos.** Disponível em: <<http://sites.uol.com.br/gballone/sexo/sexo65.html>> . Acesso em: 01 de mar. de 2020.

BARROS, M. L. de. **Testemunho de vida:** um estudo antropológico de mulheres na velhice. In M. M. L. de Barros (Org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade memória e política* (pp. 113-168). Rio de Janeiro, FGV, 1988.

BATISTA, J.; RIBEIRO, O. C. F.; JUNIOR, P. N. **Lazer e promoção de saúde:** uma aproximação conveniente. *Licere, Belo Horizonte:* v.15, n. 2, p1-16, jun. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/729>>. Acesso em: 03 de mar. de 2021.

BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. **A força da idade.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice.** Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice:** uma realidade incômoda. São Paulo: Difusão Européia, Volume, 1970.

BEAUVOIR, S. de (2009). **O segundo sexo.** (Sérgio Milliet Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BLAIKIE, Andrew. **Ageing and popular culture.** Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

BRAGA, P. M. V. **Direitos dos idosos de acordo com o Estatuto do Idoso.** São Paulo: Quartier Latin, 2005.

BRAMANTE, **Lazer e a sua importância na vida das pessoas ontem, hoje e sempre.** 31 jul. 2020b. Youtube: Panathlon Brasil. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oGtCFcaeF2k>>. Acesso em: 05 de marc. de 2021.

BRESSER, Deborah. **As velhas também transam!** Mulheres derrubam mito do sexo na maturidade. 2017. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/saude/as-velhas-tambem-transam-mulheres-derrubam-mito-do-sexo-na-maturidade-10072017>> . Acesso em 23 de fev. de 2020.

BOURDIEU, P.; **A miséria do mundo.** São Paulo: Vozes, 2006.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade.* Editora Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2004, 172pp.

CARVALHO, Adriana Fernandes da Silva. **A associação da religiosidade / espiritualidade com a percepção de felicidade de idosos longevos.**

Dissertação. Curso de Pós-Graduação de Gerontologia. Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <

<https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/tede/2832/2/AdrianaFernandesdaSilvaCarvalhoDissertacao2020.pdf> >. Acesso em: 29 de mar. de 2021.

CHACRA, F.C. **Empatia e comunicação na relação médico-paciente: uma semiologia autopoietica do vínculo.** Tese (Doutorado em Ciências Médicas). UNICAMP, Campinas, 2002.

CHAVES, E. C. L. *et al.* **Qualidade de vida, sintomas depressivos e religiosidade em idosos:** um estudo transversal. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis (SC), v. 23, n. 3, p. 648-655, jul./set. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n3/pt\\_0104-0707-tce-23-03-00648.pdf](http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n3/pt_0104-0707-tce-23-03-00648.pdf)>. Acesso em: 1 de abr. de 2021.

COMIN, Fabio Scorsolini; ROSSATO, Lucas; CUNHA, Vivian Fukumasu da; ZANINI, Marta Regina Gonçalves Correia; PILON, Sandra Cristina. **A religiosidade/espiritualidade como recurso no enfrentamento da COVID-19.** *Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro*. 2020;10:e3723. [Access\_\_\_\_\_]; Available in:\_\_\_\_\_. DOI: <http://doi.org/10.19175/recom.v10i0.3723>. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/3723>>. Acesso em: 18 de mar. de 2021

..

CORONAGO, Virginia Maria Mendes; BULHÕES, José Ricardo de Souza Rebouças; SILVA, Larissa Souza Lima da. **ISOLAMENTO SOCIAL E IDOSOS FRENTE AO COVID 19:** Afeto e cuidado em tempos de pandemia. *CONFLUÊNCIAS* |ISSN: 1678-7145| E-ISSN: 2318-4558| Niterói/RJV. 22, n.2, 2020 |ago./dez.2020|pp. 242-259. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/42986/25353>>. Acesso em: 18 de mar. de 2021.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade:** velhice e terceira idade. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CORREA, Mariele Rodrigues; JUSTO, José Sterza. **Pandemia e envelhecimento.** *Revista Espaço Acadêmico – EDIÇÃO ESPECIAL – fev/2021. Ano XX. ISSN 1519.6186.* Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/57087/751375151612>>. Acesso em: 01 de mar. de 2021.

COSTA, Emilly Priscila Silva; SILVA, Alcimar Tamir Vieira da; SERAFIM, Drielle Barbosa Leal; BARBOSA, Gleison Alves. **O TABU SOCIAL ATRELADO A SEXUALIDADE DOS IDOSOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA.** VI Congresso Internacional de Envelhecimento Humano (VI CIEH). Disponível em: <[https://editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO\\_EV125\\_MD1\\_SA5\\_ID2693\\_23052019214609.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV125_MD1_SA5_ID2693_23052019214609.pdf)>. Acesso em 25 de fev. de 2020.

CHAGAS, Viktor *et al.* **A política dos memes e os memes da política:** proposta metodológica de análise de conteúdo dos memes dos debates eleitorais de 2014. *Intexto*, Porto Alegre, n. 38, p. 173-196, jan./abr. 2017. Quadrimestral. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/63892/40226>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

DALLABRIDA, Gabrieli. **A VELHICE E O ENCONTRO COM O REAL: TEMPO DE REFAZER E RESSIGNIFICAR**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Disponível em: <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/7034/GABRIELI%20DALLABRIDA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17 de mar. de 2021.

DANIEL, Fernanda; ANTUNES, Anna; AMARAL, Inês. **Representações sociais da velhice**. *Análise Psicológica* (2015), 3 (XXXIII): 291-301. Disponível em: <<http://publicacoes.ispa.pt/publicacoes/index.php/ap/article/view/972/pdf>>. Acesso em: 13 de mar. de 2021.

DANTAS, D. C. S. **Mulher idosa e família: um estudo sobre as representações sociais construídas pela mulher idosa chefe de família acerca da velhice**. 2006. 96 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2006.

DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares. **Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?** *Revista de Ciências Humanas*, vol. 18, n. 2, jul./dez. 2018. Disponível em: <[https://periodicos.ufv.br/RCH/article/download/8923/pdf\\_1/39268](https://periodicos.ufv.br/RCH/article/download/8923/pdf_1/39268)>. Acesso em: 24 de mar. de 2021.

DEBERT, G. G. Feminismo e envelhecimento. **Sinais sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, p. 15-38, 2013. Disponível em: <[http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/aa3fe0d5-61a4-b0c74bffa2a3/Revista+-Sinais\\_Sociais\\_22\\_web.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=aa3fe0d5-61a4-43e7-9e7d-b0c74bffa2a3](http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/aa3fe0d5-61a4-b0c74bffa2a3/Revista+-Sinais_Sociais_22_web.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=aa3fe0d5-61a4-43e7-9e7d-b0c74bffa2a3)>. Acesso em: 28 de março de 2020.

DEBERT, G, Guita Grin; GOLDSTEIN (ORGS.). **Políticas do corpo e curso da vida**. São Paulo: Editora Sumaré, 2000.

DEBERT, G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

DENDENA, A. et al. **Religiosidade e envelhecimento bem-sucedido**. *Unoesc & Ciência – ACHS*, Joaçaba (SC), v. 2, n. 2, p. 184-196, jul./dez. 2011.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

EBIT. Ebit – WebShoppers. **O mais completo relatório sobre o e-commerce**. Disponível em: <<https://company.ebit.com.br/webshoppers/webshoppersfree>>. Acesso em: 24 de mar. de 2021.



- ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001.
- ETARD, J-F. VANHEMS, P., ATLANI-DUAULT, L., & ECOCHARD, R. **Potential lethal outbreak of coronavirus disease (COVID-19) among the elderly in retirement homes and long-term facilities**. France, March 2020. 2020.Euro Surveillance, 25(15), pii=2000448. Disponível em: <<https://doi.org/1560-7917.ES.2020.25.15.2000448>>. Acesso em: 02 de mar. de 2021.
- FARO, A., Bahiano, M.A., Nakano, T.C., Reis, C., Silva, B.F.P., & Vitti, L.S. (2020). **COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado**. Estudos de Psicologia (Campinas), 37, e200074. Epub, Junho, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>.
- FERREIRA, P. M. **O envelhecimento ativo em Portugal: tendências recentes e (alguns) problemas**. In: Rev Kairós Gerontologia. 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/27113>>. Acesso em: 16 de mar. de 2021.
- FIOCRUZ. **Cartilha Saúde Mental e Atenção Psicossocial Recomendações para Gestores**. 2020. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemiacovid-19-recomendacoes-para-gestores>. Acesso: 15 de mar. de 2021.
- GEERTZ, Clifford. **O pensamento como ato moral: dimensões éticas do trabalho de campo antropológico nos países novos**. In: Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- GIUBILEI, S. **Uma pedagogia para o idoso**. A Terceira Idade. 1993. 5(7), 10-14.
- GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.
- GOLDENBERG, M. **Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira**. Caderno Espaço Feminino, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 46-56, 2012.
- GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. Rio de Janeiro, 2015.
- GOLDFARB, Delia Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. Dissertação de mestrado de Psicologia Clínica da PUC-SP. 1997. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.net/artigos/corpo.pdf> acesso 06 de abril de 2009.
- GOMES, C. **Lazer urbano, contemporaneidade e educação das sensibilidades**. Revista Itinerariumv. 1, p. 1 -18. 2008. Disponível em: <<https://www.seer.unirio.br/index.php/itinerarium>>. Acesso em: 05 de mar. de 2021.
- GOMES, C. L. **Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento**. Licere.Belo Horizonte, v.14, n.3, p.1-25, set. 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/762/563>. Acesso em: 03 de mar. de 2021.

GONÇALVES, C.; MELO, V. A. **Lazer e Urbanização no Brasil**: notas de uma história recente (décadas de 1950/1970). Porto Alegre –RS. Revista Movimento, v. 15, n 3, p. 249-271, jul./set., 2009.

GONÇALVES, A. **Qualidade de vida**. In: GONZALEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Dicionário crítico de Educação Física. Ijuí: 2.ed. Unijuí, 2010. p. 354-356.

GUSMÃO, N. M. M. (Org.) **Infância e velhice**: pesquisa de idéias. Campinas, SP: Alínea, 2003.

GUTZ, L.; CAMARGO, B. V. **Espiritualidade entre idosos mais velhos**: um estudo de representações. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro (RJ), v. 16, n. 4, p. 793-804, out./dez. 2013. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232013000400793&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232013000400793&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 01 de abr. de 2021.

HAMMERSCHMIDT, K. S. A., & SANTANA, R. F. **Saúde do idoso em tempos de pandemia COVID-19**. 2020. Cogitare Enferm., 25, e72849. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1095404>>. Acesso em: 02 de mar. de 2021.

HAMMERSCHMIDT, K. S. A.; BONATELLI, L. C. S.; CARVALHO, A. A. (2020). **Caminho da Esperança nas Relações envolvendo os Idosos**: olhar da complexidade sob pandemia do Covid-19. Texto e Contexto Enfermagem, 20. Disponível em: <<http://orcid.org/0000-0002-7140-3427>>. Acesso em: 02 de mar. de 2021.

HARVEY, David. **Política anticapitalista em tempos de coronavírus**. Blog da Boitempo. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2020/03/24/david-harvey-politica-anticapitalista-em-tempos-de-coronavirus/>>. Acesso em: 05 de mar. de 2021.

HEILBORN, ML. **Família e sexualidade**. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2004, 153 pp.

HEILBORN, Maria Luiza A.; PEIXOTO, Clarice E.; LINS DE BARROS, Myriam M. **Tensões familiares em tempos de pandemia e confinamento**: cuidadoras familiares. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 30(2), e300206, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/physis/2020.v30n2/e300206/pt>>. Acesso em: 12 de mar. de 2021.

HENNING, Carlos Eduardo. **Nem no Mesmo Barco nem nos Mesmos Mares**: gerontocídios, práticas necropolíticas de governo e discursos sobre velhices na pandemia da COVID-19. Cadernos de Campo (São Paulo 1991), São Paulo, v. 29, n. 1, p. 150-155, jun. 2020. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/170798>. Acesso em 02 de mar. de 2021.

HORN, V. Q. **A Imagem da velhice na contemporaneidade**. 2013. 37 f. Monografia (Graduação em Psicologia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Unijuí, 2013. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/338892137/A-Imagem-Da-Velhice-Na-Contemporaneidade>>.: Acesso em: 24 de mar. de 2021.

IBGE. **Longevidade:** Viver bem e cada vez mais. Brasil, Retratos a revista do IBGE, n.16 fev, p. 20-14, 2019.

INSFRAN, Milena dos Reis; CHAVES, Aline Saddi. **HUMOR E CRÍTICA NOS MEMES DA PANDEMIA DE COVID-19: UMA ANÁLISE DIALÓGICA.** Revista Philologus, Ano 26, n. 78 Supl. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2020. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/rph/ANO26/78supl/130.pdf> >. Acesso em: 01 de mar. de 2021.

ISAYAMA, H. F.; GOMES, C. L. **Lazer e as fases da vida.** In: MARCELLINO, N. C. (Org.). Lazer e sociedade: múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008. p. 156-174.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Psicologia do Envelhecimento.** Correio de APPOA. n. 42, dezembro de 1996. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1996.

JOIA, L. C.; RUIZ, T.; DONALISIO, M. R. **Condições associadas ao grau de satisfação com a vida entre a população de idosos.** Rev. Saúde Pública, São Paulo (SP), v. 41, n. 1, p.131-138, fev. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n1/19.pdf>>. Acesso em: 31 de mar. de 2021.

JUNG, C. G. **A natureza da psique.** Petrópolis: Vozes, 2006.

KALOUSTIAN, S. M. **Família brasileira a base de tudo.** São Paulo: Cortez: UNICEF, 1985.

LAWLER, K. A.; YOUNGER, J. W. **Theo-biology:** an analysis of spirituality, car-diovascular responses, stress, mood, and physical health. Journal of Religion and Health New York, NY, v. 41, n. 4, p. 347-62, 2002.

LENZ, E. (1993, August-September). **Mirror, mirror...:** One woman's reflections on her changing image. Modern Maturity, (80), 26-28.

LEOPOLD, Adriana Mara. **O ENVELHECER NA PERCEPÇÃO DE MULHERES IDOSAS SOLTEIRAS E SEM FILHOS: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.** Disponível em: < [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-04072018-160445/publico/leopold\\_corrigida.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-04072018-160445/publico/leopold_corrigida.pdf) >. Acesso em: 04 de abr. de 2020.

LIMA, M. G.; BARROS, M. B. A.; ALVES, M. C. G. P. **Sentimento de felicidade em idosos:** uma abordagem epidemiológica, ISA-Camp 2008. Cad. Saúde Pública, São Paulo (SP), v. 28, n. 2, p. 2280-2292, dez. 2012. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/csp/v28n12/07.pdf>>. Acesso em: 31 de mar. de 2021.

LIMA, Lizandra de Souza; JUNIOR, Coriolano P. Da Rocha. **PERCEPÇÕES HISTÓRICAS SOBRE O LAZER E A SOCIABILIDADE NA BAHIA(1850 –1900).** Licere, Belo Horizonte, v.21, n.3, set/2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1865/1248>>. Acesso em: 12 de mar. de 2021.

LIMA, D. L. F., DIAS, A. A., RABELO, R. S., CRUZ, I. D., COSTA, S. C., NIGRI, F. M. N., & NERI, J. R. **COVID-19 no Estado do Ceará:** comportamentos e crenças na chegada da pandemia. 2020. Ciência & Saúde Coletiva, 20. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.07192020>>. Acesso em: 02 de mar. de 2021.

LINS DE BARROS, M. **Transmissão de valores na família e conflitos intergeracionais: experiências femininas.** Cadernos Adenauer, v. XIV, n. 3, p. 125-143, 2013.

LINS, Cynthia de Freitas Melo; COSTA, Ícaro Moreira Costa; MORAES, Laís Duarte de; JUNIOR, Francisco Wellington de Sousa Barbosa; MARTINS, José Clerton de Oliveira; **ÓCIO, LAZER E TEMPO LIVRE DAS VELHICES EM QUARENTENA: PERSPECTIVAS PSICOSSOCIAIS DE UM ESTUDO BRASILEIRO.** Licere. Belo Horizonte, v.23, n.3, set/2020. Disponível em: <>. Acesso em: 15 de mar. de 2021.

LOPES, A. **Dependência, contratos sociais e qualidade de vida na velhice.** In: VON SIMSON, O. R. M.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Org.). As múltiplas faces da velhice no Brasil. São Paulo: Alínea, 2003.

LUZ, M. M. C.; AMATUZZI, M. M. **Vivências de felicidade de pessoas idosas.** Estudos de Psicologia, Campinas (SP), v. 25, n. 2, p. 303-307, abr./jun. 2008. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2008000200014&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2008000200014&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 31 de mar. de 2021.

MACEDO, Shirley. **SER MULHER TRABALHADORA E MÃE NO CONTEXTO DA PANDEMIA COVID-19: TECENDO SENTIDOS.** Rev. Nufen: Phenom. Interd. | Belém, 12(2), 187-204, mai.– ago., 2020. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v12n2/a12.pdf>>. Acesso em 18 de mar. de 2021.

MAIA, Bruno Inácio; OLIVEIRA, Marco Aurélio; FUTAMI, André Hideto. **Inovação nos canais de comunicação como forma de comercialização.** Revista de Administração e Negócios da Amazônia, v. 11, n. 4, p. 44-64, 2020.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice.** Rio de Janeiro, edição do autor, 1989.

MALDAUN, D. *et al.* **Espiritualidade / Religiosidade.** In: NERI, A. L. (Org.). Palavras--chave em Gerontologia. Campinas: Alínea, 2008. p. 70-73.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação.** 13.ed. Campinas: Papyrus, 2013.

MARINHO, Camila Holanda. **Afetos de rua: culturas juvenis e afetividades nos bastidores da cidade.** 2012. 239 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MARINHO, M. S; REIS, L. A. Velhice e aparência: a percepção da identidade de idosas longevas. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 145-160, 2016.

MAZZUCCO, Geórgia Damiani. **O trabalho grupal desenvolvido com mulheres idosas e viúvas do SESC.** Trabalho de Conclusão de Curso – Serviço Social, 1995.

MERCADANTE, E. F. **Velhice: a identidade estigmatizada.** In: Serviço social e sociedade. Velhice e envelhecimento. Ano XXIV. nº. 75. São Paulo: Cortez, 2003.

MOLLY, C. **Effects of Life Review on Happiness and Life Satisfaction in Older Adults.** 2015. Disponível em:

<<http://digitalcommons.wku.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2525&context=theses>>. Acesso em: 1 de abr. de 2021.

MONTORO, Tânia. “Velhices e Envelhecimentos na cinematografia mundial”, In: MENDONÇA, Maria Luisa(org.). **Mídia e Diversidade Cultural**. Brasília: Ed. Casa das Musas, PPG Com UFG, 2009. Disponível em: <http://gefem.blogspot.com.br/2012/10/indicacao-bibliografica-profa-dra-tania.html>. Acesso em: 14 de abr. de 2020.

MORAES, J. F. D.; SOUZA, V. B. A. **Factors associated with the successful aging of the socially-active elderly in the metropolitan region of Porto Alegre**. Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo (SP), v. 27, n. 4, p. 302-308, dez. 2005.

MORAES, Késia Marques *et al.* **Companheirismo e sexualidade de casais na melhor idade: cuidando do casal idoso**. Rev bras geriatr gerontol, v. 14, n. 4, p. 787-98, 2011.

MORAES, R.F. **Prevenindo conflitos sociais violentos em tempos de pandemia: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva** (Nota Técnica 27). Ipea: Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia. Disponível em: < <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9836>>. Acesso em: 18 de mar. de 2021.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F. N. N. **Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade**. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 59- 79, jan./mar. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642008000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000100009)>. Acesso em: 01 abr. 2020.

MOURA, Giselle; SOUZA, Karine. **Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice** Textos & Contextos (Porto Alegre), vol. 11, núm. 1, enero-julio, 2012, pp. 172-183 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, RS, Brasil. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3215/321527331016.pdf>>. Acesso em: 08 de mar. de 2021.

NASCIMENTO, Francisca Denise Silva do. **“Velhice feminina: Emoção na dança e coerção do papel de avó”**. In: RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, v. 10, n.º 30: pp. 457-505, dez., 2011.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Qualidade de Vida e Idade Madura**. Campinas: Papirus, 1993.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras chaves em gerontologia**. Campinas: Alínea, 2001.

OLIVEIRA, T. P. C. **Políticas públicas de atendimento dos idosos: subsídios para reconceituação**. 2005. 137 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2005.

OLIVEIRA, Alessandra Souza *et. al.* **Representações sociais de idosos sobre a COVID-19: análise das imagens publicadas no discurso midiático**. Revista Kairós – Gerontologia, v. 23 (Número Temático Especial 28), p. 461-477, 2020. Disponível

em <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/51564/33667> . Acesso em 02 de março de 2021.

OTONI, P. **Presente e Futuro: Sete Apontamentos.** In:TOSTES, A.;MELO FILHO, H. (org.).Quarentena: reflexões sobre a pandemia edepois. Bauru: Canal 6,2020. p. 171-180. Disponível em: <https://editoraprxaxis.com.br/quarentena/>.Acessoem:06jun.2020.

PADILHA, V. **Tempo Livre.** In: GOMES, C. L. Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 218-222.

PAPALIA, D. E; OLDS, S. W. (2000). **Desenvolvimento humano** (D. Bueno, Trad. 7ª. ed.) Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

PASCUAL, C. P. **A sexualidade do idoso vista com novo olhar.** São Paulo: Loyola, 2002. TRADUÇÃO: Alda da Anunciação Machado.

PESSINI, L. **Bioética, espiritualidade e a arte de cuidar em saúde.** In: SIVIERO, I.; ROSIN, N. (Org.). Envelhecimento humano, espiritualidade e cuidado: vol. II: Espiritua-lidade e missão. Passo Fundo: IFIBE, 2014. p. 31-83.

PESSOA, Izabel Lima. **O Envelhecimento na agenda da política social brasileira: avanços e limitações.** Tese (Doutorado)-Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

PREMEBIDA, Eduardo Antero. **E-commerceem 2020, um cenário de oportunidades em meio a pandemia.** Research, Society and Development, v. 10, n. 2, e59210212984, 2021(CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12984>. Disponível em: < <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12984/11640>>. Acesso em: 17 de mar. de 2021.

PORTELLA, M. R.; SCORTEGAGNA, H. Moura.; PICHLER, N. A.; GRAEFF, D. B.; **Felicidade e satisfação com a vida: voz de mulheres adultas e idosas.** RBCEH, Passo Fundo, v. 14, n. 1, p. 93-101, jan./abr. 2017. Disponível em: < <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/tede/2832/2/AdrianaFernandesdaSilvaCarvalhoDissertacao2020.pdf> >. Acesso em: 31 de mar. de 2021.

POWELL, L. H.; SHAHABI, L.; THORESEN, C. E. **Religion and spirituality.** Linkages to Physical Health. American Psychologist., Washington, v. 58, n. 1, p. 36-52, 2003.

QUINTANA, Mário. **Melhores Poemas.** São Paulo: Global, 1996.

QUINTINO, Amaro Sebastião de Souza; SOUZA, Sheila Campos de; TEIXEIRA, Peterson Gonçalves; NETO, Francisco Estácio. **O IMPACTO DO ENVELHECIMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA E O ISOLAMENTO SOCIAL NATERCEIRA IDADE.** Interdisciplinary Scientific Journal v.7, n.3, p.189-205, Apr-Jun, 2020. Disponível em: < <http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/809> >. Acesso em: 16 de mar. de 2021.

REIS, Daniel Aarão (ORG). **A formação das tradições** (1889-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

REQUIXA, R. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: Sesc, 1980.

RESENDE, M. C. *et al.* **Rede de relações e satisfação com a vida em pessoas com amputação de membros**. Ciências & Cognição, Rio de Janeiro (RJ), v. 10, p. 164-177, jan./jun. 2007.

REZENDE, C. B. **A Velhice na Família: estratégias de sobrevivência**. 2008. 156f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Franca, 2008. Disponível em: <[https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/ServicoSocial/Dissertacoes/Cristiane\\_Barbosa.pdf](https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/ServicoSocial/Dissertacoes/Cristiane_Barbosa.pdf)>. Acesso em: 24 de mar. de 2021.

RIBEIRO, A. **Sexualidade na terceira idade**. In: NETTO, M. P. Gerontologia. São Paulo: 2002.

RIBEIRO, L. F. **Qualidade de vida na terceira idade**. Ágora: R. Divulg. Cient., Mafra (SC) v. 17, n. 2, p. 75-80, 2010.

RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira; SANTANA, Gustavo José de; TENGAN, Ellen Yukari Maruyama; SILVA, Lucas William Moreira; NICOLAS, Elias Antônio. **OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NO LAZER DE ADULTOS E IDOSOS. Os Impactos da Pandemia da Covid-19 no Lazer de Adultos e Idosos**. 2020. LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer, 23(3), 391–428. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.25456>. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25456>>. Acesso em: 03 de mar. de 2021.

RISMAN, A. **Sexualidade e terceira idade: uma visão histórico-cultural**. In: Textos sobre envelhecimento. v.8. nº.1. Rio de Janeiro: 2005.

ROZENDO, Adriano da Silva; ALVES, Juliana Medeiros. **Sexualidade na terceira idade: tabus e realidade**. Revista Kairós: Gerontologia, v. 18, n. 3, p. 95-107, 2015.

SALGADO, M. A. **Envelhecimento populacional: desafio do próximo milênio**. A Terceira Idade, São Paulo, v. 10, n. 14, p. 32-37, ago. 1998.

SALGADO, C. D. S. **Mulher idosa: a feminização da velhice**. In: Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento. UFRGS. V.4. Porto Alegre: Núcleos de Estudos Interdisciplinares Sobre Envelhecimento da PROREXT/UFRGS, 2002.

SANTANA, Hilca Barros de; SENA, Kaline Leite. **O Idoso e a representação de si: a novidade na agenda social contemporânea: inclusão do cidadão de mais idade**. A Terceira Idade, v. 14, n. 28, São Paulo, set. 2003.

SCHWARTZ, G. M. **O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier**. Licere, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, 2003.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. **O envelhecimento na atualidade: Aspectos cronológicos, biológicos e sociais**. Estudos de Psicologia, Campinas, ano 25, n. 4. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>>. Acesso em: 24 de mar. de 2021.

SERAFIM, M. C. **Felicidade nas organizações**; Projeto de Vida da Revista GV executivo - FGV; vol.8 nº1 jan/fev, p. 42 -45, 2009.

SIQUEIRA, Monalisa Dias de. **“Quem convida é a mulher”**: Experiências Femininas e Subversão nos Bailes de Dança de Salão. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011. 168p.

SILVA, M.; LOPES, M.; ARAÚJO, M.; MORAES, G. **Avaliação do grau de dependência nas atividades de vida diária em idosos da cidade de Fortaleza-Ceará**. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 19, n. 2, abr./jun. 2006, p. 201-206.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. **Da velhice à terceira idade**: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. v.15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15n1/09.pdf> >. Acesso em 20 de mar. de 2020.

SILVA, H.G.N., SANTOS, L.E.S., OLIVEIRA, A.K.S. **Efeitos da pandemia no novo coronavírus na saúde mental de indivíduos e coletividades**. 2020. Journal of Nursing and Health, 10(4) (n.esp.): e20104007. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/18677/11414>>. Acesso em 18 de mar. de 2021.

SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. **Psicologia Positiva**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SOCORRO, T. C.; DIAS, C. M. S. B. **O Ciclo vital da família**: percepções e vivências de mulheres idosas. In: FALCÃO, D. V. S. (org). A família e o idoso: desafios da contemporaneidade. Campinas: Paripurus, 2010. P. 91-109.

SOMMERHALDER, C; GOLDSTEIN, L.L. **O papel da religiosidade e da espiritualidade na vida adulta e na velhice**. In: FREITAS, E. V. de col. Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

SOUZA, Mariana *et al.* **A vivência da sexualidade por idosas viúvas e suas percepções quanto à opinião dos familiares a respeito**. Saúde e Sociedade, v. 24, p. 936-944, 2015.

SOUZA, N.L.S.A.de. ARAUJO, C.L.de O. **Marco do envelhecimento feminino, a menopausa: sua vivência, em uma revisão de literatura**. 2015. Revista Kairós Gerontologia, 18(2), pp. 149-165. ISSN 1516-2567. ISSN e 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

SOUZA, J. H. A. (2020). **Isolamento social versus qualidade de vida dos idosos**: um olhar multiprofissional frente à pandemia do Covid-19. Revista Pub Saúde ISSN 2595 1637. <https://dx.doi.org/10.31533/pubsaude3.a035>, maio 2020. Acesso em: 16 de mar. de 2021.

SUZUKI, M. Y.; FALCÃO, D. V. S. O significado da viuvez e as relações familiares de viúvas idosas. In: FALCÃO, D. V. S. (org.). **A família e o idoso**: desafios da contemporaneidade. Campinas: Papyrus, 2010. p. 211-232.

UNITED NATIONS. Division of the Advancement of Women. Department of Economic and Social Affairs. **Gender Dimensions of Ageing**. [S. l.], 2002. Disponível em: <<http://www.un.org/womenwatch/daw/public/ageing-final.pdf>>. Acesso em 03 abr. de 2020.



UOL. Mateus Camillo. **Memes imploram para idosos ficarem em casa durante quarentena contra coronavírus.** 2020. Disponível em: <>. Acesso em 01 de mar. de 2021.

VALFRÉ, V. **Bolsonaro volta a criticar isolamento social: 'Não dá para continuar assim'.** Uol notícias, 26 de mai. de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/05/26/bolsonaro-volta-a-criticar-isolamento-social-nao-da-para-continuar-assim.htm>. Acesso em: 03 de mar. de 2021.

VERAS, Renato P. **A longevidade da população: desafios e conquistas.** In: Serviço Social e Sociedade - Revista Quadrimestral de Serviço Social. Ano XXIV – n. 75 – out. de 2003.

VERAS, P.; CALDAS, C. P. **Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade.** Ciências e Saúde coletiva, v. 9, n. 2, p. 423-432. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/%0D/csc/v9n2/20396.pdf>>. Acesso em: 24 de mar. de 2021.

VIEIRA, Bruna. **Sexo na terceira idade: 94% consideram importante, mas assunto ainda é tabu.** Correio da Paraíba. 2017. Disponível em: <<http://correiodaparaiba.com.br/cidades/paraiba-cidades/sexo-na-terceira-idade-94-consideram-importante-ou-muito-importante/>>. Acesso em 23 de fev. de 2020.

VIEIRA, Kay Francis Leal; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; ALBUQUERQUE, Evelyn Rúbia Saraiva. **A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência.** Psicologia Ciência e Profissão, v. 36, n. 1, p. 196- 209, 2016.

TAVARES, R. E.; JESUS, M. C. P.; MACHADO, D. R.; BRAGA, V. A. S.; TOCANTINS, F. R.; MERIGHI, M. A. B. **Envelhecimento saudável na perspectiva de idosos: uma revisão.** Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia; vol.20 no.6 Rio de Janeiro Nov./Dec. 2017. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232017000600878&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232017000600878&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 29 de mar. de 2021.

TELLES, Lygia Fagundes. **A noite escura e mais eu.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco; 1998.

TRENCH, B. SANTOS, C.G. dos. **Menopausa ou Menopausas.** São Paulo (SP): Saúde e Sociedade. 2005. São Paulo (SP). Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902005000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902005000100010)>. Acesso em 19 de mar. de 2020.

WIBELINGER, L. M. **Segredos para envelhecer bem.** Passo Fundo: IFIBE, 2014.

YOON, Hyun Shik; OCCEÑA, Luis G. **Influencing factors of trust in consumer-to-consumer electronic commerce with gender and age.** International Journal of Information Management, v. 35, n. 3, p. 352-363, 2015.

YOKOYAMA C.E.; CARVALHO, R. S.; VIZZOTTO, M. M. **Qualidade de vida na velhice segundo a percepção de idosos frequentadores de um centro de**

**referência.** Psicólogo inFormação, São Paulo (SP), v. 10, n. 10, p. 57-82, jan./dez. 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-88092006000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092006000100005) >. Acesso em: 31 de mar. de 2021.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ- UFC

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### 1. IDENTIFICAÇÃO

1.2 Entrevistada \_\_\_\_\_

1.3 Idade \_\_\_\_\_

1.3 Gênero ( ) F ( ) M ( ) Outros \_\_\_\_\_

1.4 Cidade (UF): \_\_\_\_\_

1.5 Bairro: \_\_\_\_\_

1.6 Estado civil

( ) Solteira ( ) Casada ( ) Viúva ( ) Divorciada ( ) Solteira ( ) União Estável

1.7 Pertença étnica/racial

( ) Branco ( ) Preto ( ) Amarelo ( ) Indígena ( ) Pardo ( ) Não declarada

1.8 Religião:

( ) Católico ( ) Religião Afrobrasileira ( ) Evangélico ( ) sem religião ( ) Outras  
Quais

1.9 Composição Familiar: (Quantas pessoas residem com você?)

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1.10 Renda Familiar:

( ) Menos de um salário mínimo ( ) Entre quatro e seis salários mínimos ( ) Entre um a três salários mínimos ( ) maior que seis salários mínimos

1.11 Você trabalha ou já trabalhou? Se sim, qual era sua ocupação?

---

---

---

1.12 Como Você gostaria de ser chamada nesse trabalho?

## **II – VISÃO E SIGNIFICADO SOBRE SER MULHER VELHA**

2. 1. Como você percebe as mulheres hoje em dia? E as mulheres de mais de 60, como você as vê.

---

---

---

2.2 Há alguma diferença da velhice de outros tempos? Como foi a velhice de sua mãe? Da sua avó?

---

---

---

2.3 Quem é a sua família? E eles reagem a sua vinda ao forró dos velhos?

---

---

---

2. 4 Você imaginou envelhecer assim?

---

---

---

2.5 Que lugares você frequentava no seu dia a dia antes da pandemia? E atividades físicas, você frequentava academia?

---

---

---

2.6 Você percebe algum preconceito por ser mulher com mais de 60 anos e está frequentando o forró?

---

---

---

2.7 Em relação a vida amorosa, como é nessa nova fase? Você tem interesse em ter um novo companheiro? CASO SIM, por que não tem?

---

---

---

2.8 Você é independente? Leva a sua vida de acordo com o que deseja? Ou tem uma família que fica tentando controlar você? Como percebe isso?

### **III – VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE NA VELHICE**

3.1 Sente mais liberdade para vivenciar a sua vida amorosa na fase que está vivendo?

### **IV – VISÃO SOBRE O FORRÓ**

4.1 Como começou a frequentar o "farró dos velhos"? Faz quanto tempo?

---

---

---

4.2 Que comentários fazem sobre a sua vinda ao farró?

---

---

---

4.3 Está sentindo falta de ir ao farró?

---

---

---

#### **IV – COVID**

5.1 Como está sendo os seus dias desde que iniciou a quarentena?

---

---

---

5.2 Como estão os teus amigos e familiares?

---

---

---

5.3 Como são os seus cuidados de segurança? Está saindo de casa?

---

---

---

5.4 O que mudou na sua rotina?

---

---

---

5.3 Quais as suas maiores dificuldades com o surgimento do COVID?

---

---

---

#### **V – LAZER**

5.2 O que está fazendo de lazer agora?

---

---

---

## APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM DO ESPAÇO

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Declaro, por meio deste Termo, que concordei em ceder imagens para a pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada: “Gênero, velhice e sociabilidade em tempos de pandemia: Um estudo realizado no “farró dos velhos” em Cascavel-CE” Eu \_\_\_\_\_, organizador do evento do farró dos velhos em Cascavel-Ce, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso da imagem do espaço, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Yohana Tôrres Monteiro, a quem poderei contatar/ consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (85) 99962-7835. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada por Antônio Cristian Saraiva Paiva.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora do trabalho, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

---

Pesquisadora responsável

---

Organizador do evento

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro, por meio deste Termo, que concordei em ser entrevistada e/ ou participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada: “Gênero, velhice e sociabilidade em tempos de pandemia: Um estudo realizado no “forró dos velhos” em Cascavel-CE” desenvolvida por Yohana Tôres Monteiro, a quem poderei contatar/ consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (85) 99962-7835. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada por Antônio Cristian Saraiva Paiva. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) do objetivo geral, estritamente acadêmico, do estudo que, em linhas gerais, é compreender formas de sociabilidade, comportamentos, modo de vida de um grupo de mulheres em processo de envelhecimento que frequentam o “forró dos velhos” em Cascavel-Ceará e entender como a pandemia impactou a vida destas mulheres. Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa e que minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ ou seu (sua) orientador (a). Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse estudo a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

Assinatura do (a) participante:

---

Assinatura do (a) pesquisador (a):

---

Assinatura da testemunha:

---